

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

MARCELO AFONSO DE SOUZA JUNIOR

Vultos do bolsonarismo em *piauí*:
enquadramentos de uma revista em busca do registro político de seu tempo

Monografia

Mariana
2022

MARCELO AFONSO DE SOUZA JUNIOR

Vultos do bolsonarismo em *piauí*:

enquadramentos de uma revista em busca do registro político de seu tempo

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Hila Bernardete Silva Rodrigues

Mariana

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A257v Afonso, Marcelo.

Vultos do bolsonarismo em piauí [manuscrito]: enquadramentos de uma revista em busca do registro político de seu tempo. / Marcelo Afonso. - 2023.

67 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Piauí (Revista). 2. Imprensa e política. 3. Jornalismo. 4. Perfis. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070:32

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcelo Afonso de Souza Júnior

Vultos do bolsonarismo em piauí: enquadramentos de uma revista em busca do registro político de seu tempo

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 30 de março de 2023

Membros da banca

Profª Drª Hila Rodrigues - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares - Universidade Federal de Ouro Preto
Profª Drª Agnes Francine de Carvalho Mariano - Universidade Federal de Ouro Preto

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03/04/2023



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/04/2023, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0503487** e o código CRC **66F55D5A**.

*O sonho é ter tudo resolvido
Com o passar do tempo pela vida
A casca da ferida se formando
A cicatriz na pele do futuro
A pele do futuro finalmente
Imune ao corte, à lâmina do tempo
O tempo finalmente estilhaçado
E a poeira sumindo no horizonte
O sonho é ter tudo dissolvido
O corpo, a mente, a fonte da lembrança
Enfim, ponto final na esperança
Somente as ondas soltas no oceano
Não mais o esperma e o óvulo da morte
Não mais a incerteza do binário
Um tempo liso sem o fuso horário
Não mais um sim, um não, um sul, um norte
O sonho dessa canção passageira
Mochila da viagem passageira
Passagem nessa vida passageira
Para uma vida ainda passageira*

Gilberto Gil
Viagem passageira (2018)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos “de casa”, minha mãe Elzamar, que sempre foi suporte e amor, e minha maior inspiração, e também meus irmãos, João Pedro e Nicholas, apesar de tudo... Sem eles eu não poderia ser.

Aos meus amigos Guilherme Macedo, Matheus Bittencourt e João Nunes, por compartilharem a vida comigo. Muito obrigado Leandro Carvalho, Andreza Tavares, Adriana Oliveira, Thiago Aethelwold, Viviani Barbosa, Mileny Pinheiro, Maira Lemes e Raoni Siqueira (*in memoriam*) por tantos encontros maravilhosos. Obrigado também a Roger Lucas e Sônia Cruz, que me incentivaram a encarar minha primeira viagem à Mariana.

Em Mariana, agradeço às meninas da República Paróquia, que me acolheram por tantas vezes. Também à Elaine Ferreira, que sempre cuidou bem de mim. Carla Nunes, por ser irmã de outra mãe.

Aos jornalistas e queridos da Assessoria de Comunicação Institucional (ACI), Rondon Marques, Ligia Souza, Patrícia Pereira e Luana Viana, que sempre foram muito parceiros e me ajudaram em um sem número de coisas durante os três anos que trabalhamos juntos (e também depois).

Posso dizer, enfim, que sou muito feliz por ter escolhido a Universidade Federal de Ouro Preto e muito grato às aulas dos professores do Departamento de Jornalismo. Lembro aqui das professoras Marta Maia, Hila Rodrigues, Agnes Mariano e Denise Prado, por aulas valiosas e recomendações de leitura que me ajudaram a moldar o projeto para esta monografia. E também dos professores Evandro Medeiros e Ricardo Augusto, que orientaram meus primeiros passos na pesquisa acadêmica.

Agradecimento especial vai para a minha orientadora, Hila Rodrigues, que sempre foi muito paciente e generosa, e aos professores Agnes Mariano e Frederico Tavares, por toparem estar com a gente nesta banca.

Acender uma vela é lançar uma sombra.

Ursula K. Le Guin

RESUMO

Este estudo examina como a revista *piauí* construiu as histórias de vida de figuras políticas associadas à imagem do governo de Jair Messias Bolsonaro (1º de janeiro de 2019 – 31 de dezembro de 2022) nas páginas da editoria “Vultos da República”. O recorte estabelecido para a pesquisa compreendeu, inicialmente, doze perfis veiculados entre setembro de 2016 e novembro de 2022. Desses, foram escolhidos os perfis que versam sobre Jair, Carlos e Eduardo Bolsonaro, seguindo a hipótese de que o eixo familiar poderia desvelar temas relevantes. Metodologicamente, o trabalho recorre à revisão bibliográfica sobre o jornalismo de revista, o perfil no jornalismo e os estudos sobre enquadramentos noticiosos e interpretativos de Mauro Pereira Porto (2002). Ao trabalhar os enquadramentos estruturados para retratar as figuras elencadas, a pesquisa revela de que forma esses “quadros” apontam para uma interpretação singular da revista sobre o governo Bolsonaro. Como resultado, é possível observar que a produção veiculada por *piauí* apresenta enquadramentos que ora subestimaram, ora superestimaram e ora apresentaram de maneira equilibrada a força política dos sujeitos representados.

Palavras-chave: jornalismo de revista; *piauí*; enquadramento; perfis; cobertura política.

ABSTRACT

This study examines how the magazine *piauí* constructed the life stories of political figures associated with Jair Messias Bolsonaro's government (January 1, 2019 - December 31, 2022) in the "Vultos da República" editorial pages. The research focused on twelve profiles published between September 2016 and November 2022. Among those, profiles on Jair, Carlos, and Eduardo Bolsonaro were chosen, following the hypothesis that the family axis could unveil relevant themes. Methodologically, the study draws on a literature review of magazine journalism, profile writing in journalism, and Mauro Pereira Porto's (2002) studies on news and interpretive framing. By analyzing the structured frames used to portray the selected figures, the research reveals how these "frames" point to a unique interpretation of Bolsonaro's government by the magazine. As a result, it is possible to observe that the production published by *piauí* presents frames that sometimes underestimate, sometimes overestimate, and sometimes present in a balanced way the political strength of the represented subjects.

Key-words: magazine journalism; *piauí*; framing studies; profiles; political coverage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: “A direita que atira”, piauí, ed. 120 de setembro de 2016	38
Figura 02: Retrato de Jair Bolsonaro por Doryan Dornelles	38
Figura 03: “Os conflitos de Carlos”, piauí, ed. 154 de julho de 2019	43
Figura 04: Charge de Carlos Bolsonaro por Baptistiano	43
Figura 05: “A mutação do zero três”, piauí, ed. 162 de março de 2020	48
Figura 06: Retrato de Eduardo Bolsonaro por Diego Bresani	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: De onde partimos	32
Quadro 02: Onde chegamos	33
Quadro 03: Perfil sobre Jair Bolsonaro	37
Quadro 04: Perfil sobre Carlos Bolsonaro	42
Quadro 05: Perfil sobre Eduardo Bolsonaro	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 01 – O JORNALISMO DE REVISTA.....	12
1.1 Para além do assunto, o tema	14
1.2 O jornalismo de <i>piauí</i> , uma revista “diferente”	16
CAPÍTULO 02 – SOBRE ESCREVER UMA VIDA	22
2.1 Perfil, o biográfico no jornalismo	24
2.2 Vultos da República.....	28
CAPÍTULO 03 – VULTOS EM FAMÍLIA	33
3.1 Questões metodológicas.....	34
3.2 Questões de enquadramento	36
3.3 Questões preliminares da análise	38
3.4 O registro político de <i>um</i> tempo.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, à época da publicação de seu livro “A Cidade Sitiada” (1949), disse que os lugares dos quais falava em seus romances, contos ou crônicas não existiam. O que existem são as pessoas – as pessoas e as impressões que esta ou aquela personagem deixa registrada na autora e, por consequência, em seus leitores. Em sentido semelhante, a jornalista Svetlana Aleksievitch citou Dostoiévski em seu discurso na ocasião do recebimento do prêmio Nobel de Literatura em 2015: “a humanidade sabe muito mais sobre si mesma do que aquilo que consegue fixar na literatura. O que eu faço? Recolho sentimentos, pensamentos, palavras cotidianas. Reúno a vida do meu tempo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 372).

Em uma passagem de “Prosas Apátridas” (2016, p. 27), diário do escritor peruano Julio Ramón Ribeyro acerca da puerilidade dos “grandes eventos” da nosso tempo, o autor diz o seguinte: “na história que será escrita no ano três mil, a Segunda Guerra Mundial, que tanto custou à humanidade, ocupará nada mais do que um parágrafo. Já a Guerra do Vietnã, uma nota ao final do volume, que poucos se darão ao trabalho de ler.” Quem se ocuparia, continua ele, “a não ser um especialista”, com aqueles que viveram, perduraram durante todos esses acontecimentos?

Ao meio termo entre as três considerações acima, encontram-se as narrativas de vida. Um formato biográfico que reúne o relato cronológico, recortes temáticos e interpretações empreendidas por quem decide olhar (e registrar) a vida do outro. É nesta direção que, desde sua edição inaugural, publicada em outubro de 2006, a revista piauí se propõe a apresentar ao leitor não a “indignação estudada ou o mea culpa ao vivo” de políticos brasileiros, mas “aquilo que é real e pouco aparece: o nervosismo do poder no momento mesmo em que ele perde potência, em que deixa de ser poder” (BRITO, 2006, online). Se ocupando do registro da presunção, parvoíce, inaptidão, loucura e até mesmo incoerência entre os acontecimentos públicos e de bastidores de determinadas personalidades do poder, a revista piauí atribuiu a si mesma a função de intérprete destes “Vultos”.

Entretanto, e apesar dos mais de quinze anos presente no mercado editorial brasileiro, piauí documentou a vida de Jair Messias Bolsonaro apenas em setembro de 2016, cinco meses após o anúncio de sua pré-candidatura às eleições presidenciais de 2018, até então vinculada ao Partido Social Cristão (PSC). A discrepância aparece no fato de que Jair Bolsonaro foi empossado deputado federal pela primeira vez em 1º de fevereiro de 1991 e, desde então, foi reeleito ao posto por sete vezes consecutivas, até ascender ao mais alto cargo executivo do país em 1º de janeiro de 2019. Pode-se inferir, então, que nem todos os “Vultos” são

merecedores de figurar em piauí. Algo engatilha a produção desses relatos de vida. No exemplo do parágrafo anterior, é nítido que a pré-candidatura de Jair à presidência da República foi o fator determinante para tanto. Mas é interessante observar que, desde a publicação de “Direita, Volver” (2016), perfil sobre o ex-militar e então deputado federal, foram registrados diversos outros fragmentos de vida de personalidades ligadas à imagem de Bolsonaro. Até mesmo aquelas externas à esfera institucional do poder, como Luciano Hang e Evaristo Miranda, deram o tom do governo de Bolsonaro às páginas da seção.

Assim, a pesquisa pretende responder como a revista piauí construiu as histórias de vida dessas pessoas. Como a candidatura e eleição de Bolsonaro mobilizou piauí na tradução desses “Vultos”, por assim dizer. E para tentar responder a essa questão, a pesquisa recorre aos estudos sobre jornalismo de revista (BENETTI, 2013; SCALZO, 2004; TAVARES, 2021) no primeiro capítulo. Em seguida, no segundo, explora os estudos sobre os perfis no jornalismo (MAIA, 2013; SODRÉ, FERRARI, 1986; VILAS-BOAS, 2003), de modo a explicar onde os perfis de piauí se localizam teoricamente. Depois, no terceiro capítulo, a pesquisa recorre às teorias do enquadramento e aos discursos por ele estimulados (PORTO, 2002), de modo a amparar as análises dos textos selecionados.

Para desenvolver as discussões propostas, foi necessário delimitar um recorte entre os diversos perfis publicados na editoria “Vultos da República”. Assim, foi determinado, como ponto de partida, a publicação de “Direita, Volver” (DIEGUEZ, 2016, online), sobre o então deputado federal Jair Bolsonaro. E como “ponto de chegada” as publicações da editoria em 2022, ano que marcou o fim da gestão Bolsonaro. Este intervalo abrange o anúncio da candidatura de Jair à presidência, assim como os quatro anos de sua gestão, possibilitando verificar, portanto, quais autoridades apareceram nas páginas da revista e como apareceram.

Em relação às narrativas biográficas produzidas por jornalistas sobre personalidades das esferas do poder, como é o caso dos perfis, é possível depreender que são construções interpretativas. Formulam uma identidade artificialmente coesa acerca do sujeito tentando oferecer respostas aos acontecimentos da República – comumente protagonizados pelo perfilado em questão. Tudo isso enquanto obedece a lógica editorial da revista, de seleção dos temas e construção de uma resposta às experiências vivenciadas coletivamente.

Finalmente, esta pesquisa entende que a revista piauí se uniu aos esforços de diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros, como sociólogos, historiadores, antropólogos e cientistas políticos que tentaram (e ainda tentam) descobrir como uma candidatura presidencial de extrema direita prosperou no país. Ao entender que a revista piauí se inclui neste “time de pensadores” de seu tempo (pois o discurso jornalístico se alimenta dos mais

variados aspectos da realidade em que está inserido), essa monografia se propõe a olhar para a interpretação que seus jornalistas conferiram aos políticos associados à imagem de Jair Bolsonaro para compreender, enfim, como foi construída essa interpretação. Espera-se que este trabalho possa contribuir para os estudos relacionados acerca da produção de perfis e como estes se encontram também inseridos dentro de uma lógica editorial inerente à prática do jornalismo.

CAPÍTULO 01 – O JORNALISMO DE REVISTA

Na concorrência difusa entre os meios, o segredo é ser o que se realmente é. No caso, o segredo é ser “revista”.

Marília Scalzo

Refletir sobre jornalismo *de revista* implica identificar características diferenciadoras de uma forma de se pensar e fazer jornalismo (TAVARES, 2021). Como defende Márcia Benetti (2013), para fazer esse exercício é preciso entender a revista como *materialidade*, enquanto o jornalismo como um *campo do conhecimento*. Dessa relação, ela aponta, surge um “discurso e um modo de conhecimento” muito específico que:

(...) é segmentado por público e por interesse; é periódico; é durável e colecionável; tem características materiais e gráficas distintas dos demais impressos; exige uma marcante identidade visual; permite diferentes estilos de texto; recorre fortemente à sinestesia; estabelece uma relação direta com o leitor; *trata de um leque amplo de temáticas e privilegia os temas de longa duração*; está subordinado a interesses econômicos, institucionais e editoriais; institui uma ordem hermenêutica do mundo; estabelece o que julga ser contemporâneo e adequado; *indica modos de viver o presente*; define parâmetros de normalidade e de desvio; contribui para formar a opinião e o gosto; trabalha com uma ontologia das emoções (BENETTI, 2013, p. 53, grifos nossos)

Diferente da imprensa diária (na figura da televisão, do rádio, dos jornais impressos e suas plataformas *online*, por exemplo), que se ocupa em parte considerável com a cobertura das ocorrências urgentes do cotidiano, uma revista se propõe a interpretar acontecimentos que refletem a condição de uma sociedade, ou de grupos sociais, em determinada época e para um público com interesses e hábitos em comum (ALI, 2009; SCALZO, 2004).

Para tanto, o intervalo entre as edições de uma revista é alargado. E essa periodicidade (semanal, mensal, entre outras) é o que possibilita o desenvolvimento da cobertura proposta: analítica, reflexiva, recreativa e aprofundada em temas e personagens que nos dizem respeito como humanidade (TAVARES, 2021; SCALZO, 2004). Neste sentido, a preocupação é ainda maior em oferecer ao leitor um texto bem apurado, bem escrito e editado (SCALZO, 2004), amparado por recursos gráficos que são acionados para direcionar a leitura *ao que a revista julga importante saber*.

Marília Scalzo (2004, p. 37-39), ao diferenciar a revista dos outros meios, aponta que a essência do “negócio revista” está na “sintonia fina” que este deve estabelecer com o leitor de seu tempo – *que é simultaneamente seu público-alvo e motivador*. Para a autora, uma nova

revista é, antes de tudo, uma antecipação às “necessidade de mediadores que analisem, selecionem, recortem e ofereçam informação qualificada” (SCALZO, 2004, p. 51).

Nesta mesma direção, Beatriz Sarlo, tomando as revistas como “projetos editoriais coletivos”, defende o que chama de “espírito da revista” (SARLO *apud* TAVARES, 2021, p.198) para se referir às finalidades editoriais do produto:

“*Publiquemos uma revista*” significa “*uma revista é necessária*” (...); pense-se que a revista possibilita as intervenções [editoriais e sociais] exigidas por uma conjuntura [do presente] (...). Nessa perspectiva, “*vamos publicar uma revista*” significa “*vamos fazer política cultural*”, vamos cortar o nó de um debate estético ou ideológico com o discurso (SARLO *apud* TAVARES, 2021, p.198, grifos do autor)

Assim sendo, quando uma revista reporta o presente, ela recupera acontecimentos que serão expostos a partir de um ângulo diferente, uma nova possibilidade de interpretação, que é também política. Frederico Tavares (2021) considera esse “um dos princípios de singularização” do meio frente a outros: “Se dividida – “re-vista” – ou verbalizada – “revistar” – a palavra sugere o seguinte significado: uma ação de ver de novo, de verificação, de exame, de interpretação” (TAVARES, 2021, p. 195). Para o pesquisador, acima de tudo, o termo sugere a “qualidade própria do jornalismo que ‘é’ de revista” porque “por ela é configurado” (TAVARES, 2022, p. 211).

Esse resgate, diz Marcia Benetti (2013, p. 48), permite ao leitor “a experiência de saber e, sobretudo, a experiência de reagir emocionalmente a um quadro do mundo”, o que lhe permite estabelecer referências que possam ancorar sua própria identidade. Quer dizer, do que ele gosta ou não gosta? Com o que concorda ou discorda? Desse modo, edição a edição, a revista reitera o seu posicionamento perante o mundo (BENETTI, 2013), apresentando para seus leitores o que considera *atual* – termo que, na revista, onde “não há lugar para a notícia ‘nua e crua’” (SCALZO, 2004, p. 42), “é sinônimo de contemporâneo, e não de novo” (BENETTI, 2013, p. 45).

Por sua vez, Sergio Vilas Boas (1996, p. 86) afirma que todo esse trabalho discursivo surge permeado por uma “voz” muito própria *da revista*, que vai ser diferente de *outras revistas*. Uma “tendência” que tem sempre em consideração “a inclinação de seus leitores”. *É junto a essa “voz” que o leitor vai à procura de perspectivas, entretenimento, informação e educação*. Relação que Marília Scalzo (2004, p. 12) definiu como “história de amor com o leitor”, que toma a revista como “sua” (BENETTI, 2013, p. 47).

1.1 Para além do assunto, o tema

Se por um lado as revistas conseguiram se distanciar “do tempo real da notícia” (SCALZO, 2004, p. 42), por outro, elas devem encontrar meios para “preencher o espaço da notícia que não houve” – e dessa lacuna surge um outro referente para orientar as produções: o tema (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 181). Seguindo as palavras de Schwaab e Tavares (2009),

“(...) o tema perpassa qualquer material jornalístico; toda notícia também tem a sua temática, o que pode causar, em relação à distinção acima apontada, um estranhamento. Mas, no jornalismo das *hard news*, o tema só emerge de forma explícita (...) “concorrendo” com o acontecimento. Neste contexto, o tema não é o extraordinário. (...) No jornalismo cotidiano, sua presença acaba restrita (em geral) a duas manifestações textuais correntes: a reportagem e a chamada “matéria-fria” ou “de gaveta”. (...) ambas, porém, atreladas a uma ideia: a do tema como um assunto a ser dito e que deve adequar-se a uma rotina produtiva maior, que o envolve (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 181).

Considerando a revista “como um lugar privilegiado de manifestações temáticas no jornalismo”, os pesquisadores recorrem a Scalzo (2004), para quem as revistas cumprem funções sociais “mais complexas que a simples transmissão de notícias”, para apontar que no jornalismo de revista o tema deve ser considerado como um “elemento que opera sentidos” e que, “mais que dizer sobre o mundo, participa no como se diz” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 182).

Buscando uma abordagem conceitual para o termo, os autores encontram nas Teorias do Jornalismo (TRAQUINA *apud* SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 183) a concepção de *tematização*, que diz do processo informacional de selecionar e colocar na ordem do dia um assunto sobre o qual as pessoas deveriam pensar sobre. Já na Teoria da Tematização de Jorge Pedro Sousa (SOUSA *apud* SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 183), encontram “uma nova ideia de opinião pública (e de público) (...) resultado de uma seleção contingente e orientada de temas que busquem atender ou solucionar os muitos interesses de diversos grupos sociais”. Ambas linhas teóricas, no entendimento dos dois autores, orientam para um novo pensamento sobre “os meios de comunicação [que] são vistos como aqueles que ofertam sentidos sobre alguma questão, participando de um circuito no qual o público também é visto como agente produtor de significados” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 183).

Os autores também resgatam para a discussão conceitual a noção de *tema gerador* em Paulo Freire. Segundo o educador, “temas, menos que grandes tópicos fixos, desdobrar-se-

iam em uma diversidade de subtemas, relacionados à realidade social na qual estivessem inseridos e com a qual deveriam lidar, solicitando ‘tarefas a serem cumpridas’”. Assim, eles continuam, “captar e entender os temas é *entender os homens que os encarnam e a realidade a eles referida*” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 183, grifos nossos).

Embora reconheçam que as especificidades das diferentes teorias e seus métodos não estejam necessariamente integradas, os autores defendem que elas apontam um caminho. Se for levado em consideração o papel de formadoras de opinião das revistas, ou de “educador não-formal”, como preferem os autores, é possível “pensar o tema a partir de sua presença nestes meios e na sociedade, articulando um conjunto de redes de sentido” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 184). Eles continuam dizendo que,

(...) Sob essa ótica, no jornalismo de revista, os temas podem ser vistos não apenas como conteúdos determinados por certas rotinas produtivas e de consumo, mas também como elementos de processos de extração midiática onde aspectos culturais e campos sociais se entrecruzam. *Ao falar para um certo público e com ele criar uma certa “relação”, a revista tenta “esgotar” uma temática e “tratar” a realidade de outra forma.* Algo que no contexto do jornalismo traz implicações discursivas e editoriais, e sugere um fazer jornalístico complexo, que possui operações próprias (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 184, grifos nossos).

Desta maneira, “na significação do que importa e de como isto importa”, o tema nunca vai perder a sua propriedade de sustentar o fio do discurso dentro de um recorte estabelecido. E assim, “produz-se um tipo de conhecimento sobre determinado assunto e, ao mesmo tempo, produz-se um tipo de jornalismo específico.” Essa abordagem funciona como uma “guia para o leitor”, ligando o que é estipulado como singular ao universal. “Algo familiar e que, como produto da temática maior que o originou, parece apreender a plenitude de uma época” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 187).

Assim, o tema provoca ao (e no) jornalismo de revista ações que o colocam, mais que um conteúdo a ser buscado, como algo que penetra e faz parte do jornalismo que ali é feito. Cabe ao jornalismo de revista observar e mapear, na trivialidade cotidiana, o que foge ao extraordinário e, inversamente à lógica canônica jornalística, falar sobre temas espalhados na sociedade, buscando dar conta de suas tramas, estando, ao mesmo tempo, relativamente sujeito à capacidade geradora que os envolve” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 190).

Considerando o exposto nos tópicos acima, a monografia vai retomar a história sobre a concepção da revista *piauí*, objeto da pesquisa, buscando apontar as lógicas que a constituem,

para então responder quais sentidos foram produzidos nos perfis que compõem o recorte estabelecido para a análise proposta.

1.2 O jornalismo de *piauí*, uma revista “diferente”

O lançamento da revista *piauí*, em outubro de 2006¹, reinaugurou no mercado editorial brasileiro um determinado tipo de publicação que, no país, sempre foi raridade. A ideia inicial para o projeto surgiu do interesse pessoal de João Moreira Salles, economista por formação e herdeiro de uma das maiores fortunas do país², em ver nas bancas brasileiras uma revista que fosse “mais preocupada com a forma”, surpreendente e que, acima de tudo, o divertisse. Para suprir essa lacuna do mercado, concebeu *piauí*, uma revista de circulação mensal que teria entre suas principais inspirações, citada nominal e diretamente por seu fundador, a estadunidense *The New Yorker* (PINTO, 2014).

Durante entrevista para o programa de televisão “Sempre um papo”, oito meses depois da publicação da edição de número 1 da revista, Salles explicou que uma das características fundamentais de *piauí* deveria estar em seu *anarquismo*, sua tentativa de se opor a uma linha editorial fixa, isto é, com um número de páginas pré-definidas para economia, cultura, política e outros assuntos. Isso daria certa maleabilidade para a revista, que não se preocuparia com a cobertura de economia ou política, por exemplo, se esse não fosse o caso. Nesse sentido, cada edição seria única e poderia conter as mais diversas histórias, desde que contadas *ao estilo piauí*:

[*piauí*] é uma revista em que tudo cabe. Não há nenhum assunto que seja proibido, contanto que tenha determinadas características. Quer dizer, não é uma revista que se leve muito a sério, não é uma revista de dedo em riste, não é uma revista irritada, não é uma revista que grita, nem que berra, *que prefere, digamos, o deboche, a ironia, a sátira...* porque... não sei. *A imprensa brasileira tem ótimos momentos, mas de modo geral ela é um pouco vociferante demais.* E a *piauí* é um pouquinho mais... eu diria *quase inglesa*, no sentido de ser mais divertida, mais irônica e *um pouco menos séria em relação a si mesma* (SALLES, 2007, grifos nossos).

¹ A edição “número zero” da revista *piauí* circulou durante a Festa Literária de Paraty (Flip), em agosto de 2016. (PINTO, 2014).

² A família Moreira Salles foi considerada a mais rica do país em 2013, pelo jornal Valor Econômico. Também é “proprietária do banco Itaú Unibanco, além de ter participação em outros empreendimentos milionários, como a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM).” Enquanto Salles possui uma fortuna avaliada “em cerca de 3 bilhões de dólares, ocupando o 16º lugar, entre os brasileiros, na lista de bilionários da revista Forbes.” (PINTO, 2014, p. 246).

Marília Scalzo (2004, p. 21) aponta que “existem no universo das revistas algumas ideias originais que deram tão certo que viraram modelo e por isso estão rodando o mundo e sendo repetidas há muito tempo”, o que explica a inspiração exercida por *The New Yorker* em *piauí*, certamente. Contudo, como lembra a pesquisadora Daniela Pinto (2014), outras publicações, também consideradas “excepcionais” em suas épocas, seja pelo tratamento dado ao texto ou por sua fonte de financiamento privilegiada, exerceram igual influência sobre a revista de Salles – ainda que lembradas por ele em momentos posteriores ao do lançamento da revista. É o caso de *Senhor* (1959-1964) e *Realidade* (1966-1976).

Entre os pontos de convergência das quatro publicações, *The New Yorker*, *Senhor*, *Realidade* e *piauí*, Daniela Pinto (2014) destaca, por exemplo, a importância dada à tensão narrativa das reportagens. Histórias que têm início, meio e fim e conseguem fazer com que o leitor encare uma grande reportagem, mesmo sobre assuntos que supostamente não lhe diriam respeito, à espera de algum desfecho³. Também não há pressa em se “chegar primeiro” ao leitor. Todas as reportagens de *piauí* são apuradas e escritas de modo a entregar a melhor história possível⁴ e, para isso, seus repórteres e colaboradores contam com tempo, um recurso escasso para o jornalismo tradicional. Finalmente, por prezar a máxima liberdade editorial, cada história é publicada no espaço preciso para ser devidamente contada. Assim, considera a pesquisadora, “*piauí* – e outras revistas que venham a surgir – é fruto do percurso histórico do jornalismo e da sociedade brasileira” (PINTO, 2014, p. 67) o que implica dizer que a revista de Salles foi lançada para um nicho de mercado já constituído no país, algo que não poderia ser dito sobre as predecessoras brasileiras (ROLLEMBERG *apud* PINTO, 2014).

Retomando o projeto inicial de *piauí*, publicar longas narrativas⁵ foi uma das primeiras decisões tomadas por Salles quando decidiu investir em sua revista (PINTO, 2014). Em detrimento disso, o formato conhecido como *tablóide* foi o escolhido para a impressão da revista. Não por acaso. As medidas de 26,6 cm de largura por 34,6 cm de altura não só facilitaríamos a publicação das histórias imaginadas por Salles, como também fariam com que *piauí* “saltasse aos olhos” quando comparada às demais em uma banca de jornais: para comparação, *Veja*, conhecida por ter uma das maiores tiragens semanais da imprensa

³ “Idealmente, uma matéria que dê certo na *piauí*, na minha visão, é uma matéria que você lê do começo ao fim sobre um assunto que você sempre achou desinteressante.” (SALLES, 2007).

⁴ “A gente pode dar uma notícia quatro meses depois. Contanto que a nossa história seja apurada de uma maneira que os outros meios não podem porque eles tem muita pressa. E aí é um pouco a minha experiência como documentarista.” (SALLES, 2007).

⁵ Sobre isso, Salles (2007, grifos nossos) afirmou ser uma percepção errada difundida sobre a revista. “A regra é a seguinte: os textos têm o tamanho que eles precisam ter. Se um texto, se uma história, para ser bem contada, precisa de seis páginas, a gente não vai cortar para três, ela vai ter seis. *Mas são seis páginas essenciais.*”

brasileira⁶, possui 21 cm de largura por 28 cm de altura. Outra característica importante que diz respeito à identidade de *piauí* está na escolha do papel pólen, com 17% da cor amarela, geralmente considerado para a impressão de livros por ser mais confortável para leituras prolongadas. Em palestra a estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em março de 2014, Salles abordou as decisões que tomou para a revista:

“A gente tinha um nome esquisito, ninguém sabia quem nós éramos, por isso achei que a revista tinha que ter um tamanho escandaloso, pra aparecer na banca. Eu leio com frequência *The New York Review of Books*, que usa exatamente esse tamanho. Achava que era um tamanho ligeiramente desconfortável, mas as ilustrações ficam bonitas, as capas chamam a atenção. E já que a gente não teria uma máquina de divulgação, pelo menos a revista seria escandalosamente grande para se sobressair nas bancas” (SALLES *apud* PINTO, 2014, p. 37).

A escolha para o “nome esquisito”, por outro lado, tem razões mais prosaicas. Salles pensou em “piauí” enquanto nadava, sem “nenhuma razão transcendental”, no entanto. “Eu gosto das palavras que tem vogais. Gilberto Freyre dizia que os países tropicais geralmente tem idiomas onde prevalecem as vogais. E que os países frios falam com muitas consoantes”. Ele continua: “a vogal é macia, ela é doce. Consoante é boa para dar ordem, e vogal, de certa maneira, é mais simpática” (SALLES, 2007). O nome, porém, não foi unanimidade entre o time formado por Salles para elaborar as primeiras edições de *piauí*.

(...) evidentemente parecia um despropósito. E durante um tempo em que um grupo de pessoas discutiam a revista, vários outros nomes foram aventados, nomes sérios (...) e a gente se empolgava durante uma semana (...) mas todos eles, depois de um certo tempo, arrefeciam o ânimo e ficava sempre *piauí* ali atrás atrapalhando a vida da gente (...) E como todo mundo me faz essa pergunta, eu cheguei à conclusão que o nome é bom, pelo menos as pessoas se lembram dele ao ponto de perguntarem o porquê da revista se chamar *piauí*. Se ela chamasse *Avante*, ninguém me perguntaria o porquê. [O mesmo para] *Realidade, Brasil, Veja, Leia*, ou seja lá o que for (SALLES, 2007).

Outra diferença entre *piauí* e as revistas presentes no mercado brasileiro atual está na ausência, ou quase isso, de fotografias e demais recursos gráficos em suas páginas internas. Como apontou Marília Scalzo (2004), desde o desenvolvimento da fotografia e da impressão em meio-tom, revista e fotografia nunca mais se separaram. Se levar em consideração que as pioneiras de *piauí* no país, *Senhor* e *Realidade*, construíram suas reputações com publicações

⁶ De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), *Veja* terminou o ano de 2021 com média semanal de 184.391 cópias impressas e digitais. Seguida por *Quatro Rodas*, com 71.550. E *Exame*, 43.822. Neste mesmo levantamento, *piauí* aparece em sexto lugar, com 31.676 cópias impressas e digitais mensais (YAHYA, 2022, *online*).

de grandes reportagens, com atenção especial ao fotojornalismo, a escolha de *piauí* reforça o seu posicionamento como uma revista para “quem gosta de ler”, ou ainda, “para quem tem um parafuso a mais”. Isto é, uma revista que leve em consideração a inteligência do leitor (PINTO, 2014), que vai buscar em suas páginas a boa prosa de suas reportagens, diários, ensaios, artigos, análises ou ficção, como as poesias, crônicas, contos e capítulos de romances vez ou outra publicados.

Sobre esse leitor imaginado por *piauí*, “uma audiência super qualificada” nas palavras da revista, informações do mídia kit de 2023 apontam que 92% pertencem às classes AB; 83% tem nível superior de ensino; e a maioria dos leitores da revista (52%) e do site (57%) tem mais de 35 anos (PIAUÍ, 2023, *online*). Dois anos antes, a revista disse em outra versão do mídia kit que

(...) vendemos cerca de duas vezes mais em bancas próximas às grandes universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Campinas e Recife. (...) O que une [nossos leitores] é a escolaridade, uma das maiores entre o público leitor brasileiro. São pessoas com capital intelectual, que já ocupam posições de liderança ou estão a caminho de um dia liderar, seja nas redações, no poder ou nas universidades. Quanto mais a educação se universalizar no Brasil, mais leitores terá a *piauí* (PIAUÍ, 2020, *online*).

Outro ponto interessante sobre a concepção de *piauí* está na experiência de João Moreira Salles como documentarista. Tendo dirigido produções como “Entreatos” (2004), sobre os bastidores das eleições que levaram Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República em 2002, e “Santiago” (2007), autobiografia e homenagem ao mordomo Santiago que serviu à família Moreira Salles por mais de três décadas, Salles (2007) preferiu oferecer com *piauí* “não a notícia sobre o outono, mas a transmissão de uma experiência do outono”.

Ele cita “O narrador” (1985), texto clássico de Walter Benjamin, para defender que “a experiência está no extremo oposto da notícia” (SALLES, 2007). Lembra da repercussão que outro de seus documentários, “Nelson Freire” (2003), sobre o pianista esperancense, recebeu à época do lançamento: “(...) não gostaram por falta do aspecto jornalístico, não tem quanto ele vendeu, nada (...) Essas informações você tem em dois parágrafos no *Wikipedia*. Quantos concursos ele venceu? Não interessa. Isso tira a experiência de imersão [na vida do pianista]”. Por isso, *piauí* também teria de ser uma revista inútil, não por não ser informativa, mas por não estar preocupada com “grandes análises antropológicas, sociológicas, etnográficas”. Ele se volta ao interlocutor:

Você nunca vai ler na piauí uma matéria que trate da situação da Educação no Brasil. Essas coisas gerais não cabem na *piauí*. (...) O que não significa que a gente não vá tratar de Educação. (...) *Como você fala de Educação [na piauí]? Encarnando a história em uma personagem singular. Pode ser uma pessoa, uma instituição, um animal. Mas é uma história concreta, real. E se você lê [essa história], você entende um pouco sobre qual é o estado geral da Educação no Brasil.* (SALLES, 2007, grifos nossos)

Essa escolha por abordar um tema para além das suas dimensões “abstratas”, aquelas que não nos tocam como seres humanos por estarem talvez muito longe do que vivemos em nosso dia a dia, tem a capacidade de aproximar as histórias narradas pela revista à realidade do leitor. Dessa forma, seria mais fácil criar empatia com os perrengues de um estudante de uma escola pública ou com o casamento de uma atriz da televisão, pois o leitor certamente sabe ou pode vir a saber, qual a sensação de se casar ou passar por dificuldades diárias.

Essas histórias de vida aparecem espalhadas por diversas editorias de *piauí*, que não são fixas, mas recorrentes. Algumas delas ajudaram a sedimentar a identidade editorial da revista, como é o caso de *Diários, Perfil, Despedida, Vultos da República*, tema desta monografia, e *Chegada*.

Sobre essa última, em outubro de 2021, na edição de 181, *piauí* encerrou a editoria com o anúncio da “autonomia radical” da revista. Escrito por João Moreira Salles, em uma espécie de “carta ao leitor”, o artigo “Dona do próprio nariz” tenta responder, entre outras coisas, a seguinte questão: *como fortalecer um veículo de informação de modo a garantir que ele continue a fazer seu trabalho mesmo em contexto autoritário?*

A partir de agora, a revista se descola dos seus fundadores, passando a operar com recursos de um fundo patrimonial doado ao Instituto Artigo 220 – o artigo da Carta de 1988 que consagra a liberdade de imprensa como mandamento constitucional. O instituto é uma associação civil que acaba de ser criada com o único propósito de respaldar o jornalismo rigoroso, independente e apartidário. Significa que a revista tem compromisso apenas com seus leitores, com seus profissionais, com o seu Conselho Editorial e, em termos amplos, com o bom jornalismo (SALLES, 2021, *online*).

Segundo seu fundador, deste ponto em diante caberá ao Instituto Artigo 220 determinar os rumos da publicação. “Fará isso por intermédio de um conselho editorial composto majoritariamente por jornalistas, mas também por acadêmicos e empresários. O diretor de redação da piauí responderá ao conselho, e só a ele.” Uma estrutura societária similar à do *The Guardian*, jornal inglês com fundo patrimonial criado em 1936, e que possibilitaria a piauí servir “exclusivamente ao interesse público e ao próprio jornalismo:

sendo livre para experimentar, pretende ser um laboratório para testar novas formas de exercer a profissão.” (SALLES, 2021).

Sobre *Vultos*, Salles (2011) já afirmou que “uma das principais características de *piauí* são os perfis sobre políticos” (PINTO, 2014), um trabalho que originou o livro “*Vultos da República: os melhores perfis políticos da piauí (2010)*”, com nove perfis sobre Fernando Henrique Cardoso, José Dirceu, Francenildo dos Santos Costa, dois sobre Dilma Rousseff, Sérgio Rosa, José Serra, Márcio Thomaz Bastos e Marina Silva. Tendo afirmado em 2006 que os perfis são “uma família jornalística praticamente inventada pela *The New Yorker*”, não surpreendentemente que o formato estava nas prioridades do projeto editorial de *piauí*, que decidiu investir neste tipo de narrativa biográfica “por entender que bons perfis praticamente não existiam na imprensa brasileira” (PINTO, 2014, p. 53). Nas palavras da ex-editora de *piauí*, Dorrit Harazim, “quando imaginamos a *piauí* e focamos em perfis, nós pretendíamos falar do país através de perfis” (PINTO, 2014, p. 53).

CAPÍTULO 02 – SOBRE ESCREVER UMA VIDA

Empatia é a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro.

Sergio Vilas-Boas

Eu seu livro “O desafio biográfico: escrever uma vida” (2009), François Dosse produz um panorama histórico da produção biográfica na Europa ocidental, traçando três categorias próprias para distinguir os diferentes usos e concepções da biografia nos últimos séculos. Segundo o autor, o surgimento das primeiras histórias de vida, como assim se conhece hoje, teria acontecido ao longo da idade clássica greco-romana, entre os séculos VIII a.C. e V d.C, com a “função pedagógica” de apresentar uma “história de vida exemplar”, regida por fortes valores morais que deveriam servir como modelo a ser seguido ou admirado.

Caracterizada por Dosse (2009) como *a idade heróica*, as histórias desta fase seguiriam a linearidade cronológica das vidas de figuras quase sempre predestinadas a grandes feitos, em tom um pouco mitológico/ religioso. Depois, na *biografia modal*, já entre os séculos XIX e XX, “o singular se torna uma entrada no geral” e poderia revelar “o comportamento médio das categorias sociais” (DOSSE, 2009, p. 223). Para o autor, passou-se a valorizar a estrutura em detrimento do indivíduo, significando que a história de vida de uma única pessoa poderia/ deveria apontar para o modo como toda a sociedade se organizava. Por fim, em sua terceira fase, a *hermenêutica*, a produção biográfica retorna “ao sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas” (DOSSE, 2009, p. 252). Com o fortalecimento das ciências sociais, as histórias de vida já não buscariam manter a ordem cronológica dos acontecimentos, mas respeitariam a singularidade do indivíduo e as possíveis mudanças que sua identidade poderia sofrer no decorrer de sua trajetória, dando maiores possibilidades de análise do contexto maior em que se encontrariam.

Recuperar Dosse (2009) serve para ressaltar que histórias de vida sempre mobilizaram o trabalho de historiadores e, mais tarde, de jornalistas, que “testemunham” a vida de seus contemporâneos ou buscam registrar traços de vida de pessoas que *significaram alguma coisa* em suas respectivas épocas e merecem ou precisam ter seus feitos registrados. “O que mudou, no fundo, foi o método de escolha dos grandes homens, dos sujeitos das biografias.” (DOSSE, 2009, p. 12).

Ao analisar o resultado desse ofício, exercício feito ao longo de todo o livro, Dosse (2009, p. 55) assume a biografia como um “verdadeiro romance” que se situa “entre a vontade

de reproduzir um vivido real passado (...) e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador.” Nesse sentido, o trabalho de todo biógrafo consiste em lançar mão de recursos da ficção, que eventualmente vão preencher as lacunas e lapsos temporais que não podem ser preenchidos pelos testemunhos orais e fontes escritas consultados, de modo a criar um *efeito de sentido* acerca da vida do sujeito biografado (KENDALL *apud* DOSSE, 2009, p. 56-57).

Ser honesto em relação às próprias limitações é o que vai distinguir o trabalho de um bom ou mau biógrafo. Para Marcel Schwob (*apud* DOSSE, 2009, p. 57), “ao biógrafo não importa muito a verdade: deve, isso sim, criar traços humanos, muito humanos”, de modo a entregar um “retrato admirável”, que possa demonstrar a essência, o “detalhe ínfimo” ou “a singularidade de um corpo, de uma presença.”

O que não quer dizer, entretanto, que a biografia não deve estar fundamentada no que é verídico, apenas que o conceito de verdade teria suas limitações. Para André Maurois, por exemplo, o biógrafo deve comparar suas fontes de informação com rigor, mas sem alimentar o “caráter aporético” do desejo de encontrar nelas “a verdade do indivíduo” (MAUROIS *apud* DOSSE, 2009), já que tudo o que é possível fazer é *dar relevo* aos aspectos que lhe parecem idiossincráticos o suficiente para retratar o sujeito em questão. Desta inviabilidade, de se exigir do biógrafo os “escrúpulos da ciência” e os “encantos da arte” (*idem*), nasce a concepção do crítico e historiador em considerar a biografia pertencente a um “gênero difícil”, ou “impuro”, já que “o caráter próprio da biografia consiste em depender de uma indistinção epistemológica” (DOSSE, 2009, p. 60).

É partindo deste entendimento da complexidade do fazer biográfico que Dosse (2009) retoma Pierre Bourdieu (1986), para quem a biografia “não apresenta pertinência alguma” ao trabalho dos historiadores por não haver preocupação ou respeito com o real, com o que de fato aconteceu. Em trecho conhecido de seu texto “A ilusão biográfica” (1986), Bourdieu afirma que escrever sobre uma vida é

(...) tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja *conformar-se com uma ilusão retórica*, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. Como diz Alain Robbe-Grillet, ‘o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: *o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão*, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório.’ (BOURDIEU, 1986, p. 185, grifos nossos)

Sendo assim, ficaria a cargo do biógrafo “aproximar-se [apenas] do modelo oficial de apresentação de si” (BOURDIEU, 1986, p. 188), seguindo os marcos sociais que fincam a existência do sujeito na sociedade, como a data de nascimento, o registro de casamento, as mudanças de endereço e, finalmente, a morte. Na perspectiva de Dosse (2009, p. 122), porém, a biografia está “um passo à frente” da crítica de Bourdieu (1986) por se encontrar em um domínio que depende essencialmente da transversalidade de disciplinas que podem abrir o “caminho para hipóteses não reducionistas”. Para Dosse (2009), tanto historiadores quanto biógrafos dependem igualmente da ficção. O que é preciso ser feito, portanto, é reconhecer que estamos sempre lidando com percepções da realidade, versões que precisam ser checadas e contrapostas com outras versões. Significando dizer que qualquer vida poderia ser narrada de muitas maneiras. E existiria uma certa verdade no enredo escolhido pelo biógrafo para discorrer sobre o biografado. O que, de nenhuma maneira, subtrairia a verdade contida em outros caminhos possíveis.

Se o trabalho de historiadores/ biógrafos é atravessado por essas duas dimensões, o real e a ficção, o trabalho de jornalistas, quando se voltam para a prática biográfica, compreende também a perspectiva da reportagem (MAIA, 2013) e outras noções entram em cena. Como o ineditismo, o valor dado às informações, a conformidade aos valores editoriais da empresa de jornalismo, a presentificação e o prazo para a produção, que geralmente é bastante curto. Surge então uma outra narrativa, menor, que destaca e dá importância a momentos seletos da vida do sujeito, que se convencionou chamar de *perfil*.

2.1 Perfil, o biográfico no jornalismo

Diferente das biografias, que pretendem abarcar a totalidade da vida do biografado (algo impossível de se atingir, devido às múltiplas possibilidades de interpretação da realidade, como já dito), o perfil, outro formato biográfico, pretende “elucidar”, “indagar” ou “apreciar” a vida do sujeito a partir de determinados recortes de sua trajetória (VILAS-BOAS, 2003). Por esse motivo, Lincoln Barnett considera o perfil uma “narrativa curta”, se comparado às biografias em livros, tanto em extensão quanto na validade das informações e interpretações apresentadas. Isso aconteceria porque enquanto o biógrafo muitas vezes “lida com indivíduos sobre os quais há evidências praticamente completas – os mortos” (BARNETT apud VILAS-BOAS, 2003, p.23) e, por isso, frequentemente apresenta seu texto como a versão definitiva desta ou daquela história de vida. O repórter, por sua vez, terá de lidar com o fato de que as convicções de seu objeto se encontram em contínua transitoriedade.

Segundo Sergio Vilas-Boas, tal questão se deve a “limitação inerente ao texto jornalístico de ter que enfatizar o presente da pessoa, ou de ligar esse presente à própria razão de ser da matéria”, como “a comemoração de uma data significativa ou o envolvimento do personagem em alguma controvérsia jornalisticamente relevante” (VILLAS-BOAS, 2003, p. 20-23). Desse modo, ao se encontrar frente a frente com uma pessoa, o repórter deve ter em mente que suas “características, gestos, atitudes e pensamentos” assim o são em decorrência “da fase que está atravessando” (idem, p. 20-23). Portanto, seu trabalho consistirá no registro de *indícios*,

que podem ou não ser contrastados com dados do passado ou projeções para o futuro (feitas pelo próprio protagonista da matéria ou outros). Claro, *haverá sempre o risco de formulações precipitadas* sobre o temperamento, as ideias e o momento da pessoa (VILAS-BOAS, 2003, p. 21, grifos nossos)

Em todo caso, o perfil mantém sua relevância “mesmo que meses ou anos depois da publicação do texto o personagem tenha mudado suas opiniões, conceitos, atitudes ou estilos” (VILAS-BOAS, 2003, p. 22), pois, de uma forma ou outra, aquele será o registro de um momento significativo daquela vida, que pode ser tomado como referência no futuro.

Outra característica relevante do perfil está em sua narratividade, “expressa por uma estruturação bem calculada” (VILAS-BOAS, 2014, *online*) e edição minuciosa da realidade – que se inicia no momento em que uma pessoa é escolhida em detrimento de outra ou quando o veículo em questão decide que pode dispor de mais tempo e dinheiro para a produção de um perfil, mas não de outro, por exemplo. Marta Maia, ao definir o perfil como uma “composição textual do sujeito a partir de *determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas* tanto na captação quanto na edição” (2013, p. 181, grifos nossos), também ressalta o caráter seletivo da produção.

De todo modo, para a feitura de um perfil, estudiosos da área concordam que a interação entre repórter e perfilado é indispensável (COIMBRA, 2002; MAIA, 2013; MEDINA, 1986; SODRÉ; FERRARI, 1985; VILAS-BOAS, 2003). Além disso, e principalmente naqueles casos em que falta a palavra do protagonista da história⁷, o repórter deve buscar informações em material escrito (documentos oficiais, correspondências, jornais etc.), peças audiovisuais (se for o caso), contexto sociocultural e econômico e também entrevistas com pessoas do círculo de relacionamento do sujeito – com a devida atenção a

⁷ Os pesquisadores sempre lembram o antológico “Frank Sinatra has a cold”, perfil sobre o músico estadunidense que não cedeu entrevista ao jornalista Gay Talese, publicado em abril de 1966, na revista *Esquire*. A versão em inglês está disponível na página memorialística *Esquire's Must-Read Stories*: <<https://bit.ly/2uLGEqS>>.

linguagem não verbal e a percepção sobre o mundo em que vivem, pois como disse Vilas-Boas (2014, *online*), “em jornalismo, o ponto de vista é sempre humano”.

A partir desses encontros com o discurso sobre o mundo do outro e uso das técnicas de reportagem conhecidas (pesquisa minuciosa, checagem rigorosa dos dados, diversidade das fontes, transparência quanto aos métodos de apuração⁸, etc.), o repórter é capaz de moldar em texto a singularidade que tem cada ser humano (MAIA, 2013). E, se “cada ser humano tem um perfil” (VILAS-BOAS, *online*), “cada história de vida, de lugar ou de momento exige sua maneira específica de criação textual” (KOTSCHO *apud* MAIA, 2013, p. 179). Combinando lembrança, espaço, circunstância e interação resultante dos encontros, cada perfil será único (VILAS-BOAS, 2003). O que quer dizer que, apesar de cada sujeito possuir um perfil, duas pessoas diferentes não podem produzir o mesmo perfil sobre o mesmo sujeito. É um trabalho essencialmente autoral, que depende muito da sensibilidade do repórter durante o processo e de todo conhecimento de mundo que acumulou até o momento da produção do texto.

Atentando-se a isso, seria correto afirmar que o que nos leva em direção ao biográfico está, ao menos em parte, na “necessidade da sociedade de se conhecer” (MAIA, 2013, p. 182), já que, nas palavras de Vilas-Boas, “a experiência humana é nossa principal referência” (VILAS-BOAS, 2003, p. 18). Para que isso aconteça, entretanto, o repórter deve evitar maniqueísmos e ter empatia, acima de tudo: “tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas” pelo outro (VILAS-BOAS, 2014, *online*). Nesse sentido, escrever um perfil deve ser encarado como um exercício de alteridade radical.

Cremilda Medina (1986) aponta que a entrevista deve ser guiada por premissas que superem a técnica, a “competência do fazer”, o questionário que impede a criatividade latente do encontro entre duas ou mais pessoas. A pesquisadora sugere que jornalistas busquem o que chamou de “o diálogo possível” – “diretamente relacionado com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU” (MEDINA, 1986, p. 7)

Segundo a autora, a entrevista que tenha por finalidade um “perfil humanizado” deve evitar “condenar” o outro – que muitas vezes já está pré-condenado por uma pauta que busca, acima de tudo, a reiteração da ideologia do veículo que propôs a produção do perfil. Não deve

⁸ Em texto de 2008, Marta Maia aborda o conceito de “Disciplina da Verificação”, dos jornalistas Bill Kovach e Tom Rosenstiel. Resumidamente, uma estratégia de transparência que objetiva apresentar ao leitor como o repórter conseguiu acessar as informações que apresenta. Nos perfis, essa técnica de reportagem pode compor a própria narrativa do texto. MAIA, Maia R. A regra da transparência como elemento democratizador no processo da produção jornalística. *Brazilian Journalism Research*, v. 1 n. 1, 2008.

provocar de modo a “acentuar o grotesco” ou “glamourizar sensacionalisticamente” o outro. Para a autora, para realçar o lado humano do outro é preciso ao menos tentar “compreender seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida.” (MEDINA, 1986, p. 18).

Com esse cuidado ético, o repórter é capaz de articular uma narrativa que respeite a complexidade do sujeito. Em “Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística” (1986), Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari consideram que narrativa seria “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). Quer dizer, situado entre uma anterioridade e uma posterioridade, permitindo “mostrar mudanças progressivas de estado nas pessoas e nas coisas, através do tempo.” (COIMBRA, 2022, p. 86)

No livro, Sodré e Ferrari (1986) destrincham as reportagens de Skeeter Miller, repórter do *Courier Journal*, sobre Floyd Collins, um camponês que morreu após dezoito dias soterrado em uma gruta no interior do Kentucky, Estados Unidos, em 1925, para exemplificar os efeitos que pode ter uma história concebida por e a partir do interesse humano. O episódio, contam os autores, comoveu todo o país e conseguiu mobilizar diversos setores da sociedade, entre eles a imprensa, que cobriu diariamente os esforços para o resgate de Collins – que, entre muitos outros, contou com a ajuda malograda de Miller. Dentro da análise dos pesquisadores, as reportagens do *Courier Journal* “tinham como pano de fundo alguns aspectos sociais muito singulares” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 12-14). Entre o mais importante deles, as mudanças sócio-culturais do período entre as duas grandes guerras, que “abriram espaço para as mitologias heróicas – o indivíduo solitário afirmando sua identidade num mundo hostil. *Este era um personagem solicitado pela imprensa.*” (idem, grifos nossos).

Na concepção de Sodré e Ferrari, sem um sujeito que mobilize uma ação não se pode narrar. Na reportagem, esses dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano, que se fez presente quando o repórter se solidarizou à situação de Floyd – do contrário, nada seria suficiente para sustentar a narrativa. No exemplo acima, tanto a tragédia que levou a morte de Floyd Collins quanto a tentativa de Skeets Miller de salvá-lo ou honrar sua história após a morte configuraram reportagem porque puderam responder

à demanda social de heróis: milhões de norte-americanos identificavam-se com o homem enterrado vivo, mas também com o repórter (...) que enfrentava com teimosia as adversidades. [Isto é], nas condições de sofrimento de um indivíduo, *filtradas pelas impressões de outro indivíduo, projetavam-se as dificuldades de uma nação pela vida.* (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 14-15, grifos nossos).

Vale mencionar que a partir do desabamento diversos jornais buscaram suas próprias versões sobre a história de vida de Floyd Collins. Na concorrência característica da imprensa estadunidense de então, começaram a surgir até mesmo histórias inventadas, como uma noiva para o camponês recém falecido, e artigos que colocaram em dúvida “a realidade do acidente” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 13). O repórter Skeeter Miller foi agraciado com o prêmio Pulitzer, seguramente a mais importante premiação jornalística mundial, em 1925, e todo o episódio foi eternizado no livro “Trapped!”, publicado por Robert Murray e Robert Brucker em 1949.

Tendo revisado algumas das principais características do perfil até aqui, é preciso dizer ainda que a escolha da pessoa protagonista dessa “narrativa curta” está atrelada à proposta do veículo ou editoria em questão (podem ser pessoas anônimas, celebridades, apenas escritores ou apenas políticos, entre outros). Desse modo, o próximo tópico aborda o discurso inaugural de “Vultos da República”, tema desta monografia, na edição de número 1 da revista *piauí*, a forma como a editoria concebe o perfil em suas páginas e a complexidade inerente a esse fazer particular.

2.2 Vultos da República

O termo *portrait* surge na revista estadunidense *The New Yorker* já em sua primeira edição, de 21 de fevereiro de 1925, que trouxe o “retrato” de Charles Hanson Towne, poeta considerado por TNY como “o solteirão mais popular de Nova York”⁹. *Portrait* é apenas uma das palavras da língua inglesa para sugerir um texto descritivo sobre uma única pessoa protagonista (VILAS-BOAS, 2014). Outras são o *profile*, *close-up* e *frame*, que atribuem a esse formato as suas principais características e podem significar, respectivamente, “perfil”, “foco” e “fragmento” (ORMANEZE, 2019). Essa observação surge no texto “A arte do perfil” (2014, *online*), de Sergio Vilas-Boas, que faz um paralelo entre o perfil jornalístico e o “retrato” das artes visuais. Segundo o autor, “pintores, desenhistas e fotógrafos sabem que os retratos representam um jogo malicioso” e, “conscientes do problema de obter uma expressão”, ou deixam que a pessoa retratada “assuma uma pose” ou buscam o “instante decisivo”, aquele que escapa ao controle de quem se deixa retratar. De qualquer forma, o que constitui a “linguagem do retrato são as atitudes do sujeito” (GOMBRICH *apud* VILAS-

⁹ THE Magazine. **February 21, 1925**. Disponível em: <newyorker.com/magazine/1925/02/21> Acesso em: 28 fev. 2023.

BOAS, 2014, *online*), enquanto o perfil explicitaria o modo de viver e de pensar da pessoa entrevistada, buscando o equilíbrio entre passado e presente.

Para Vilas-Boas (2003;2014), perfis têm aparecido em revistas por mais de um século. Um formato que vêm sendo aperfeiçoado ao longo dos anos por publicações como *The New Yorker* e *Esquire*, nos Estados Unidos e, como já dito, *Realidade* e *Senhor*, no Brasil, e, mais recentemente, em *piauí*. A “arte do perfil”, como colocou Vilas-Boas (2014, *online*), “no sentido de um fazer tal que, quando faz, altera o fazer, pois não comporta fórmulas”, indica que cada veículo constrói e reforça a cada edição (no caso das revistas e jornais) um modo muito particular de abordar a vida do outro.

Um exemplo: o jornal *Valor Econômico* publica a cada fim de semana a seção “À mesa com o Valor”¹⁰. O espaço promove encontros entre os repórteres da redação e figuras das mais diversas áreas, geralmente em restaurantes escolhidos por quem cede a entrevista, para uma conversa que resultará mais tarde em um perfil. O jornal arca com todos os custos e, ao final de cada texto, publica o cupom fiscal detalhado da refeição.

Nesses perfis, estão presentes traços de personalidade que em outras publicações poderiam não aparecer, isso devido à proposta diferente adotada por *Valor*. Tais como a forma com que o perfilado se dirige à quem lhe serve, sua relação com a comida ou ainda o quanto gasta em uma refeição. Por exemplo: a atriz Fernanda Montenegro preferiu uma xícara de chá de hortelã, servida no bar do hotel em que estava hospedada, no total de R\$ 19,80; o ex-automobilista Emerson Fittipaldi, por outro lado, escolheu o restaurante japonês do Itaim e o valor total do serviço ficou em R\$ 745. Já Charles Cosac¹¹, co-fundador da extinta editora Cosac Naify, escolheu o restaurante francês La Brasserie, mas insistiu que deveria pagar pelo jantar, explicando que “(...) minha mãe me ensinou que homem que deixa a mulher pagar a conta deveria morrer sob tortura”, no cupom fiscal, fez com que o garçom recortasse o valor dos pratos e bebidas “para que repórteres e leitores não o conhecessem” (ABUJAMRA, 2012, *online*).

¹⁰ No prefácio de “À mesa com O Valor: 50 personalidades” (2015), livro publicado para comemorar os 15 anos de fundação do periódico *Valor Econômico*, está registrada a inspiração em “Lunch With FT”, seção na qual o *Valor* se inspirou e que tem como proposta “redescobrir a arte de conversar e contar histórias”, reforçando o que disse Maria Scalzo (2004): boas ideias dão a volta ao mundo e são reproduzidas por diversos veículos.

¹¹ O perfil sobre Charles Cosac não integra a antologia “À mesa com o Valor: 50 personalidades”, mas pode ser encontrado no arquivo *online* do jornal *Valor Econômico*. ABUJAMRA, Adriana. Um personagem à procura de seus autores. *Valor Econômico*, São Paulo, 20 de janeiro de 2012. *Eu & Fim de Semana*. Disponível em: <<http://glo.bo/3Szsocf>> Acesso em: 27 fev. 2023.

Quando a revista *piauí* publicou sua primeira edição, em outubro de 2006, trouxe o portfólio de Orlando Brito, fotojornalista independente, sob a titulação “Vultos da república, entre dois votos, uma volta ao ar viciado dos gabinetes”¹².

Além dos retratos de “vultos sombrios do poder”, como os de José Dirceu (então Ministro da Casa Civil), Antonio Palocci Filho (à época, Ministro da Fazenda), Aloizio Mercadante (então senador e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores), Roberto Jefferson (deputado brasileiro denunciante do mensalão), Marisa Letícia e Luiz Inácio Lula da Silva e outros, o texto que precedia a seção se propunha a expor ao leitor “a tensão entre o que é dito nos palanques e para as câmeras da televisão e aquilo que, nos bastidores, é urdido de fato”. Para a revista, “*as fotos estão além da retórica política, da imagem que os políticos fazem de si mesmos. Elas mostram o desespero da política*” (BRITO, 2006, online, grifos nossos), e continua:

São fotos que voltam às CPIs do mensalão e apresentam figuras-chave do dossiê falso dos sanguessugas. Elas não querem registrar a indignação estudada, a contrição em excesso, as punhaladas retóricas, os dedos duramente em riste, o mea culpa ao vivo, para os holofotes. *Elas mostram aquilo que é real e pouco aparece: a desesperança, a soberba, o nervosismo do poder no momento mesmo em que ele perde potência, em que deixa de ser poder.* (BRITO, 2006, online, grifos nossos).

Todos os retratados em meio ao texto de apresentação da primeira edição de “Vultos da República” estavam, de uma maneira ou de outra, envolvidos no escândalo do mensalão. Assim, o que *piauí* diz é que a partir dali se ocuparia, ao menos em partes, com o registro da “presunção”, “parvoíce”, “inaptidão”, “loucura” e até mesmo “incoerência” dos acontecimentos, tanto na esfera pública quanto na privada, das vidas de determinadas personalidades do poder. Atribuindo a si mesma, naquela edição e em todas as que viriam depois, em outros escândalos, mas não só, a função de intérprete desses “Vultos”.

Aqui, é essencial lembrar a pesquisa feita por Fabiano Ormanzeze (2019, p. 129, grifos nossos) sobre o trabalho discursivo de *piauí* em “Vultos da República”. A começar pelo termo: “o que é ser “vulto”? É ser *figura importante*? Ou é ser uma *imagem pouco clara*? Que *não se percebe bem*?” Para o autor, é imprescindível pensar a linguagem como associada ao político e à história, de modo a responder de que forma as condições de produção da profissão

¹² No mesmo mês em que *piauí* foi publicada, Luiz Inácio Lula da Silva concorria à reeleição da presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ainda em meio ao escândalo do esquema de compra de votos que ficou conhecido como mensalão e ameaçou derrubar o seu governo um ano antes, em 2005. MENSALÃO: cronologia do caso. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2021. *Memória Globo*. Disponível em: <<http://glo.bo/3ZjZ8Is>> Acesso em: 27 fev. 2023.

e a ideologia dominante determinam como se deve narrar a trajetória dos sujeitos perfilados na editoria da revista. Para isso, o autor recorre à análise de discurso franco-brasileira, tecendo um diálogo com Eni Orlandi e Michel Pêcheux, para quem a ideologia não seria simplesmente o resultado da dominação de uma classe sobre a outra, “mas o *local* e o *meio* para a realização dessa dominação” (ORMANEZE, 2019, p. 25-26, grifos do autor).

Logo, quando a imprensa decide falar sobre os sujeitos da política, ela pode operar em dois sentidos distintos no que concerne à propaganda fomentada, ou à imagem construída, por tais sujeitos: 1) negar a propaganda, defendendo sua posição de objetividade e neutralidade e, desse modo, negando a ideologia; ou 2) oferecer, do mesmo lugar social do jornalismo como instituição de credibilidade, discursos que conferem força/ crédito ou fragilidade/ descrédito aos sujeitos representados (ORMANEZE, 2019).

Indiretamente, o que se atinge com isso, para além da construção de subjetividades, é uma imagem sobre as ideias e os modos de governo do país. Nesse ponto, Ormaneze (2019) lembra que a relação entre os poderes políticos e a imprensa foi decisiva durante a instauração da República (no final do século XIX), em que diferentes jornais circulavam ideias em defesa da volta da Família Real ao Brasil e a manutenção da monarquia e outros em defesa dos ideais republicanos:

(...) Esses últimos utilizaram narrativas biográficas para criar os novos heróis nacionais, aqueles que passaram a representar o novo sistema (...) Ao lado da criação dos símbolos nacionais, como a exaltação da nova bandeira e o Hino, a retomada de outros personagens, cuja biografia era repetida com frequência, como é o caso de Tiradentes, foi um dos artifícios para dar à nação imagens do “corpo de seu povo que a República não foi capaz de reconstituir” (CARVALHO *apud* ORMANEZE, 2019, p. 143).

Hoje, mais de um século depois, *piauí* mantém uma editoria que pretende narrar “o desespero da política”. É a partir desse posicionamento da revista – em atribuir a si mesma o papel de “definir” ou “tornar claro” o que “não tem forma” por ser “vulto”, ao mesmo tempo em que se diz “diferente” do que existe no mercado editorial brasileiro – que Ormaneze (2019) problematiza a produção biográfica nos textos contidos em dois livros comemorativos, duas antologias que reúnem textos da editoria “Vultos da República”, mas não só: “Vultos da República” (2010) e “Tempos Instáveis” (2016).

Na análise do pesquisador, a forma como a revista *piauí* constrói os perfis em “Vultos” se assemelha em muito com os discursos em circulação no restante da imprensa. Seguindo de perto o raciocínio de Ormaneze (2019, p. 146), isso aconteceria porque, apesar “da tentativa de se desvencilhar dos estereótipos em busca de uma visão mais complexa”

sobre o sujeito, os repórteres da revista são sujeitos “pelo qual a ideologia e a memória se fazem presentes, pelo qual se acessam discursos modulares e representações sobre a vida política no país” (p. 199):

Como leitor e (...) colaborador de outros veículos da imprensa brasileira, esse jornalista se espelha no diferente da literatura, produz descrições, valoriza a linguagem que foge à técnica, mas cai na contradição imposta por aquilo que o interpela. Não consegue dizer do outro sem dizer de si mesmo. Não consegue fugir para o diferente, se está impactado pelo igual. Narrando ou descrevendo, organizam-se representações de vida que, em análise, dizem mais sobre o ideológico e as condições de produção do que propriamente sobre a vida. (ORMANEZE, 2019, p. 199).

Sendo assim, mesmo que a revista apele para a diferenciação no que diz respeito ao seu formato (seu tamanho “tablóide” e o papel pólen que favorece a leitura), sua capa e as ilustrações que nem sempre se associam aos acontecimentos do noticiário (algo raro no país), a prevalência do texto sobre as imagens e o tratamento narrativo dado ao texto – identidade que permanece irretocável, na avaliação do pesquisador –, no que diz respeito ao “discurso alternativo”, alternativo ao que a revista considera como “tradicional” ou, nas palavras do autor, “hegemônico”, *piauí* é “furada” pela “constituição do discurso”. Sendo correto afirmar que “há, portanto, um deslizamento que não metaforiza em sua completude” (ORMANEZE, 2019, p. 202). Posto isso, no próximo capítulo serão introduzidas as questões metodológicas desta monografia, os autores acionados, além das estruturas que permitiram a examinação das singularidades de cada perfil elencado no recorte estabelecido.

CAPÍTULO 03 – VULTOS EM FAMÍLIA

É algo novo, é peculiar. Não tem modelo no mundo para comparar. Qual presidente tem três filhos políticos? Nós vamos ter que aprender a lidar com isso.

Delegado Waldir¹³

Como dito anteriormente, o objetivo inicial desta pesquisa foi tentar responder de que forma a revista *piauí* construiu as histórias de vida de figuras políticas associadas ao governo de Jair Bolsonaro. Para tanto, partimos do entendimento de que jornalistas que lidam com elementos biográficos para a composição de perfis não estão preocupados única e exclusivamente com a “verdade” (tendo em vista que não possuem a compreensão total da realidade), mas, sim, às intenções da linha editorial do veículo em que trabalham. Com isso em mente, nossa hipótese é que ao tematizar e publicizar a vida de personalidades das esferas do poder (mas não só) em suas páginas, a revista *piauí* nos aponta quais sujeitos merecem ter a sua história de vida narrada e, mais importante, quais aspectos de suas vidas são relevantes para serem elencados. Elementos que orientam a leitura para a interpretação particular da revista.

Pensar em intencionalidade é importante porque jornalistas que se mobilizam para a produção biográfica procuram expor os acontecimentos de uma vida motivados por alguma lógica. Tais acontecimentos são escolhidos para dizer algo específico sobre essas figuras, portanto. No caso de “Vultos da República”, sobre como elas alcançaram os cargos do poder e sobre como pretendem governar a partir desse feito ou, por outro lado, os motivos pelos quais pretendem chegar ao poder e assim por diante. Em outras palavras, esse recorte pode ser chamado também de enquadramento. Isto é, a seleção de determinados elementos, dentre diversos outros do mundo ao redor, que vai oferecer ao leitor uma imagem fragmentada do todo. Uma imagem dentre diversas outras possíveis.

Sendo assim, este capítulo vai abordar: 1) o percurso que possibilitou a seleção dos perfis elencados para a análise; 2) um breve histórico sobre as teorias do enquadramento no jornalismo; 3) três quadros que apresentam os perfis a partir de elementos textuais como o título, o subtítulo, descrições sobre o retrato, a legenda do retrato e as expressões marcantes encontradas no decorrer dos textos, que indicam, ao menos em partes, como “Vultos” constroi

¹³ Waldir Soares de Oliveira foi líder do Partido Social Liberal (PSL) entre 2018 e 2019. O depoimento foi dado à jornalista Malu Gaspar e está presente no perfil “O pit bull do papai” (*piauí*, 2019, *online*), sobre Carlos Bolsonaro, o segundo filho de Jair Bolsonaro, ex-presidente da República.

as subjetividades apresentadas pela editoria; 4) finalmente, uma descrição comentada sobre os pontos em comum e as particularidades encontradas em cada perfil.

3.1 Questões metodológicas

Para desenvolver as discussões propostas, o primeiro passo foi mapear as edições de *piauí* que trouxeram a editoria “Vultos da República”. Como ponto de partida, foi estabelecida a publicação de “Direita, Volver” (DIEGUEZ, 2016), perfil sobre Jair Bolsonaro que versa, entre outros tópicos, sobre o anúncio de sua candidatura à presidência da República, em setembro de 2016, terminando com “Quero ser um rebelde” (MAZZA, 2022), perfil sobre o ex-presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) José Genoino, publicado em novembro de 2022, o último daquele ano – que marcou também o fim da gestão Bolsonaro. O quadro abaixo é resultado desse mapeamento, que incluiu as 75 edições veiculadas no intervalo descrito e elencou todos os 24 perfis publicados na editoria nesse íterim. Também foi destacado, em cinza claro, todos os perfis que abordam, **sob esse pretexto**, a vida de aliados políticos e integrantes do quadro de governo da gestão Bolsonaro, **totalizando 12 textos**.

Quadro 1: de onde partimos			
Título do perfil	Perfilado	Repórter	Edição
“Direita, volver”	Jair Bolsonaro	Consuelo Dieguez	set 2016
“O rei do gado”	Jorge Picciani	Malu Gaspar	mar 2017
“O improvável”	Rodrigo Maia	Julia Duailibi e Malu Gaspar	ago 2017
“Um liberal à brasileira”	Joesley Batista	Malu Gaspar	nov 2017
“O neófito”	Luciano Huck	Roberto Kaz e Elvira Lobato	abr 2018
“O herdeiro”	Guilherme Boulos	Fabio Victor	mai 2018
“Estranhos no ninho”	Geraldo Alckmin	Consuelo Dieguez	jun 2018
“O fiador”	Paulo Guedes	Malu Gaspar	set 2018
“O brizolista de cátedra”	Ciro Gomes	Fabio Victor	set 2018
“O vice a cavalo”	Hamilton Mourão	Fabio Victor	dez 2018
“O chanceler do regresso”	Ernesto Araújo	Consuelo Dieguez	abr 2019
“Peixe grande”	Paulo Hartung	Rafael Cariello	mai 2019

“O pitbull do papai”	Carlos Bolsonaro	Malu Gaspar	jul 2019
“A agrobombeira”	Tereza Cristina	Consuelo Dieguez	set 2019
“Fala grossa e salto fino”	Joice Hasselmann	Thais Bilenky	out 2019
“A viagem do vagão”	Eduardo Bolsonaro	Thais Bilenky	mar 2020
“A solidão de Rambo”	Wilson Witzel	Allan de Abreu	jul 2020
“O Patriota”	Luciano Hang	Roberto Kaz	set 2020
“O fabulador oculto”	Evaristo de Miranda	Bernardo Esteves	mar 2021
“O herdeiro”	João Campos	Consuelo Dieguez	abr 2021
“Chega de pá, pá, pá”	Alexandre Kalil	Karla Monteiro	jun 2021
“Estou no páreo”	Eduardo Leite	Consuelo Dieguez	jul 2021
“Arthur, o miúdo”	Arthur Lira	Angélica Santa Cruz	dez 2021
“Quero ser um rebelde”	José Genoíno	Luigi Mazza	nov 2022

Fonte: elaboração própria.

A partir desse primeiro apanhado, foi preciso estabelecer um segundo recorte, dada a extensão do material. Seguindo a hipótese de que o **eixo familiar** – os perfis sobre Jair, Carlos e Eduardo – poderia oferecer perspectivas interessantes acerca da cobertura empreendida por *piauí* durante a gestão Bolsonaro, foi decidido que a análise pormenorizada dos textos seria direcionada para esses três perfis.

Quadro 2: onde chegamos			
Título do perfil	Perfilado	Repórter	Edição
“Direita, volver”	Jair Bolsonaro	Consuelo Dieguez	set 2016
“O pitbull do papai”	Carlos Bolsonaro	Malu Gaspar	jul 2019
“A viagem do vagão”	Eduardo Bolsonaro	Thais Bilenky	mar 2020

Fonte: elaboração própria.

Baseado nisso, o próximo tópico aborda o conceito de *enquadramento*, entendido aqui como uma construção noticiosa ancorada em um determinado ponto de vista, que oferece uma representação da informação. Foram adotadas nesta monografia as distinções feitas por Mauro P. Porto (2002) – *enquadramentos noticiosos* e *enquadramentos interpretativos* – devido à

possibilidade de aprofundamento nas leituras a partir dos padrões que evidenciam a avaliação da revista sobre o que é apresentado em suas páginas (PORTO, 2002).

3.2 Questões de enquadramento

De acordo com levantamento feito por Mauro Porto (2002), o primeiro a desenvolver um pensamento sistemático acerca do conceito de enquadramento foi Erving Goffman, em “Os quadros da experiência social” (1974). Para o sociólogo canadense, *quadros* (ou *frames*) são estruturas a partir das quais tomamos conhecimento do mundo e de nossa posição na sociedade. São modelos cognitivos, adotados de forma inconsciente no decurso de todo o nosso processo comunicativo, que nos permitem identificar e falar sobre eventos do cotidiano de modo a responder o seguinte: *o que está ocorrendo aqui?* (GOFFMAN *apud* PORTO, 2002).

Outros pesquisadores, como Daniel Kahneman e Amos Tversky (1979), do campo da psicologia cognitiva, propuseram que a exploração de aspectos positivos ou negativos de uma mesma situação pode interferir na tomada de decisões do público para o qual se destina a mensagem. Para os dois autores, o ato de enquadrar estaria relacionado às possibilidades de alteração da atratividade das opções dispostas (KAHNEMAN; AMOS *apud* PORTO, 2002). Já no campo da comunicação, a socióloga Gaye Tuchman (1978) apresentou o conceito de enquadramento como uma alternativa ao paradigma da objetividade. Ressaltando as limitações de jornalistas em conseguir retratar a realidade tal como ela é, a autora apontou que as notícias seriam, na verdade, “um recurso social cuja construção limita o entendimento analítico da vida contemporânea” (TUCHMAN, *apud* PORTO, 2002, p. 5).

Outra definição dada como importante por Mauro Porto (2002) é a do sociólogo Todd Gitlin (1980), para quem os enquadramentos são “padrões persistentes” de produção (como seleção, ênfase ou exclusão) que orientam a prática jornalística para a apresentação dos temas que importam saber (GITLIN *apud* PORTO, 2002). Mais de uma década mais tarde, a partir das contribuições de Robert Entman (1994), a teoria do enquadramento passou a ser vinculada à noção de hegemonia midiática. Nesta altura, enquadrar um acontecimento significaria, além de salientar elementos de interesse particular, “promover uma avaliação moral e/ ou recomendação para o item descrito” (ENTMAN *apud* PORTO, 2002, p. 7). Uma forma de se posicionar no mundo e de fazer política, já que os temas que importam saber são decididos por jornalistas e empresas de comunicação.

Porto (2002, p. 14) aponta, então, que, no Brasil, são profícuas pesquisas que lançam mão do conceito de enquadramento para analisar as relações entre mídia e política e mídia e movimentos sociais. No entanto, segundo o autor, as aplicações da noção de enquadramento são tão numerosas que apontar um único “marco teórico claro, sistemático e coerente” se faz praticamente impossível. Dessa forma, Porto (2002) propõe um modelo de análise em três passos para orientar novas pesquisas empíricas em jornalismo – deixando posto que este não é um modelo exaustivo ou que não deva ser alterado, se preciso for. Uma descrição do modelo segue nos parágrafos seguintes.

1º Especificar qual(is) o(s) nível(is) de análise: para evitar indeterminações, Porto (2002) sugere a distinção entre dois tipos de enquadramento. **1) o enquadramento noticioso:** padrões de seleção, ênfase e apresentação que determinam o formato final da matéria. São quatro os descritos pelo autor: 1.a enquadramento de interesse humano, com ênfase no sujeito; 1.b enquadramento episódico, com ênfase na cobertura de eventos; 1.c enquadramento temático, ênfase analítica que pretende superar os “fatos”; 1.d enquadramento corrida de cavalos, na cobertura política, refere-se ao desempenho dos candidatos de uma eleição. Por outro lado, **2) o enquadramento interpretativo** reúne os padrões de interpretação que oferecem uma análise de conjuntura: definição dos problemas, atribuição de responsabilidades, relação entre causas e efeitos, as possíveis soluções para os problemas apontados, entre outros. Para o autor, a principal diferença entre os dois está em sua fonte. Enquanto o **noticioso** é formulado por jornalistas/ empresas de comunicação, o **interpretativo** é formulado por atores sociais diversos, incluindo a imprensa. Neste ponto, é importante lembrar que jornalistas frequentemente consultam fontes que possam sustentar os seus próprios interesses. “(...) Por esta razão, uma recomendação importante para os estudos sobre enquadramentos interpretativos é identificar as avaliações apresentadas pelas fontes que são citadas pelos jornalistas” (PORTO, 2002, p. 16). Finalmente, *a distinção proposta não exclui a possibilidade de se trabalhar com os dois tipos de enquadramentos em uma mesma análise*. Por exemplo: será que o enquadramento de interesse humano, como o faz *piauí* com os perfis de “Vultos”, facilita a compreensão do enquadramento interpretativo feito pela revista?

2º Identificar quais são as interpretações sobre os temas apresentados: segundo o autor, a noção de enquadramento admite o processo político como uma disputa entre

diferentes segmentos sociais sobre qual ou quais interpretações vão prevalecer sobre as controvérsias que se estabelecem no cenário político. E uma revista como *piauí* tem aí o seu quinhão midiático. Assim, quando ela estabelece esse ou aquele tema como prioridade, ela se insere nesse processo comunicativo oferecendo a sua interpretação sobre o que está em curso.

3º Desenvolver uma análise sistemática: para um método menos subjetivo, Porto (2002) ressalta a importância da adoção de categorias que possam codificar todo o conteúdo que se pretende analisar. Em suas palavras, o mais frutífero será o “enfoque integrado que inclua tanto uma análise de conteúdo quantitativa, como uma análise textual de cunho mais qualitativo” (PORTO, 2002, p. 19). Finalmente, o pesquisador aconselha a se atentar às diversidades de enquadramentos oferecidos em uma mesma cobertura política – não se esquecendo, ainda, que a mídia tende a privilegiar a versão promovida por fontes oficiais das esferas do poder, sustentando uma “interpretação hegemônica da realidade” (PORTO, 2002, p. 19).

3.3 Questões preliminares da análise

Quando esta pesquisa teve início, tinha-se a impressão de que, ao falar sobre as personalidades políticas vinculadas ao governo de Jair Bolsonaro, a revista *piauí* conseguira retratar o próprio *modus operandi* de sua gestão. É possível perceber quais valores regem a trajetória política dessas pessoas, qual postura mantém ao romper com ex-aliados (como fora narrado nos perfis sobre Wilson Witzel e Joice Hasselmann, por exemplo, um enquadramento que não será abordado nesta monografia), mas, principalmente, como a relação com/ entre os filhos Flávio, Carlos e Eduardo (os dois últimos merecedores de perfis próprios nas páginas de “Vultos da República”) influenciou a carreira política de todos os integrantes da família.

A partir dos perfis de *piauí*, é possível perceber como cada filho exerceu, em variados níveis, um impacto considerável na construção da equipe de governo do pai nos seus anos como presidente, e como cada um foi avaliado de maneira diferente pela revista. Nos três perfis selecionados para análise, trajetórias foram rememoradas, responsabilidades foram atribuídas e prognósticos foram traçados, de forma a oferecer para o leitor não apenas uma história de vida, mas uma análise de conjuntura que pareceu tentar responder: *se Jair poderia ser eleito nas eleições de 2018, se Carlos teria algum poder nas decisões presidenciais e por*

quais motivos Eduardo, que mudou, mas continua o mesmo, poderia ser considerado um potencial sucessor do pai.

Assim, nos quadros abaixo foram dispostos os elementos que antecipam o sentido contido na leitura: elementos referenciais como título, subtítulo e legenda, mas também a descrição de imagem dos retratos fotográficos produzidos sobre os sujeitos perfilados, pois eles também significam. E, ainda nos quadros, um resumo sobre o conteúdo dos perfis, de modo a situar o leitor que ainda não entrou em contato com a integridade dos textos aqui analisados. Depois, foram dispostos a capa das edições assim como os retratos que ilustram os perfis sobre Jair, Carlos e Eduardo Bolsonaro. Finalmente, uma descrição comentada sobre os textos permitiu indicar os pontos em comum e as particularidades entre os três, de modo a desvelar os enquadramentos escolhidos por *piauí* em “Vultos da República”.

Quadro 3 – Perfil sobre Jair Bolsonaro
Número da edição: 120, setembro de 2016.
Autoria: Consuelo Dieguez.
Chamada na capa: “A direita que atira, Consuelo Dieguez faz o perfil do deputado Jair Bolsonaro”.
Título das páginas internas: “Direita, volver”.
Subtítulo: “Pré-candidato à Presidência, Jair Bolsonaro coloca o ultraconservadorismo no jogo eleitoral”.
Retrato: Fotografia em preto e branco de Jair. Sorriso crispado e corpo curvado, ele simula segurar uma arma com as mãos, apontadas para a lente da câmera e, como efeito, para o rosto do leitor. Ele veste terno.
Legenda: “Bolsonaro diz que irá varrer a esquerda do mapa e prega que cada ‘cidadão de bem’ tenha uma arma em casa para se defender: ‘Cartão de visita para marginal do MST é cartucho 762’”.
Ideia central: Apresentação de um candidato de “pouca expressão”. <i>Que odeia</i> , e não se ressentido por isso. O texto analisa sua escalada, perfil do eleitorado e chance de eleição, tida como mínima.
Adjetivos, descrições e expressões marcantes: “discurso de fundo paranoico”, “neófito”, “réu”, “líder isolado”, “seus modos parecem mais próximos da caserna que do Parlamento”, “parcela da população se encanta com a ira do deputado”.
Resumo
<ol style="list-style-type: none"> 1. Jair já passou por muitas legendas políticas, mas sua plataforma é a ultraconservadora. 2. Católico, tem nos evangélicos “um campo fértil para suas pregações”. 3. É comparado a Enéas Carneiro, “ultranacionalista folclórico”, sem chances de eleição. 4. Jair atribui seu sucesso à candidatura dos filhos e às redes sociais. 5. Para Jair, a esquerda e a mídia o tratam mal e não o deixam “ser apenas de direita” 6. Seu discurso se volta com frequência contra o Partido dos Trabalhadores. 7. Militar reformado, se espelha nos militares-governantes da ditadura. 8. Jair não se preocupa em incitar a violência contra negros, mulheres ou LGBT+. 9. Jair gravou todas as entrevistas que cedeu à repórter, não confia na imprensa. 10. É um político-celebridade, seus admiradores o aplaudem, tiram fotos e oram por ele. 11. Perfil do eleitorado: “de direita”, homens jovens, classe média, alta escolaridade. 12. Bolsonaro assume que não fará parcerias com partidos “de esquerda”. 13. Irrita-se com frequência, suas falas mais parecem com um ataque ao interlocutor.

Fonte: elaboração do autor.



Figuras 01 e 02: “A direita que atira”, *piauí*, ed. 120 de setembro de 2016 / Retrato por Daryan Dornelles.

Fonte: site da revista *piauí*.

Eis que surge um novo nome dentre o panteão dos “Vultos da República” – aqueles com visibilidade suficiente para se fazer perfilar nessa editoria da *piauí*. O perfil sobre Jair Bolsonaro é bastante dissertativo, traz poucas falas das pessoas de seu círculo íntimo e recorre com frequência à análise de cientistas políticos e historiadores que tentam explicar, em tese, desde os motivos de sua ascensão até o perfil de seu eleitorado e as possibilidades de sua eleição. Um perfil de apresentação, por assim dizer, publicado cinco meses após o anúncio de sua pré-candidatura à Presidência da República¹⁴.

Entre os especialistas consultados está André Singer, cientista político e professor da Universidade de São Paulo (USP), que “*não acredita que Bolsonaro tenha chances de vitória em 2018, longe disso*”, mas que alerta para uma “*novidade*”:

[segundo a] última pesquisa Datafolha: a faixa de renda familiar em que o candidato mais se destaca não corresponde à elite econômica nem à alta classe média. “Estamos falando de famílias que ganham algo entre 4,5 mil reais e 9 mil reais. Uma família padrão, com quatro pessoas, que vive com 5 mil reais por mês pertence à classe média baixa. Ou seja, Bolsonaro parece ter começado a despertar a simpatia em um público que não é exatamente aquele que protestou na avenida Paulista. *A questão é saber como isso vai*

¹⁴ Ver matéria de Isabel Braga em O Globo *online*, de 2 de março de 2016. Disponível em: <glo.bo/3YmdpV5>. Acesso em 17 fev. 2023

evoluir, já que a maioria das pessoas ainda desconhece o candidato”, disse Singer¹⁵ (grifos nossos).

Seguindo o levantamento do instituto de pesquisa, “(...) três de cada quatro eleitores seus são do sexo masculino. (...) ele se sai bem entre os jovens – 65% dos que o apoiam têm entre 16 e 34 anos. *Ciente disso, o deputado faz uso ostensivo das redes sociais.*” Alinhado ao raciocínio da reportagem, Alessandro Janoni, diretor do Instituto Datafolha, afirma que

“Os jovens, de um modo geral, desacreditam mais dos canais tradicionais de participação política. (...) são mais vulneráveis a temas como direito à posse de arma e ações intempestivas contra a criminalidade, a ladainha de Bolsonaro. Eles acabam se agregando por meio de afinidades temáticas e as redes sociais potencializam isso.” (...) o diretor do Datafolha avalia que Bolsonaro é ainda um candidato de nicho. “Ele teria que mudar muito o seu discurso para atingir a maior parcela da população, que são os eleitores de menor renda”, disse.

Em outro trecho, o perfil aponta para o histórico de voto dos brasileiros, a partir de observação própria da autora, que se diz surpreendida com a facilidade com que seguidores de Jair se declaram como “de direita”. Desta vez, a análise vem do historiador Daniel Aarão Reis Filho, que afirma que “a sociedade brasileira foi sempre muito conservadora, embora o pensamento de direita estivesse relativamente oculto.” Porém, após o fim da ditadura no Brasil, ele continua, “o brasileiro contentou-se que a direitização havia ficado para trás.” Algo que mudaria após o “fracasso” dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff:

Outra razão para esses grupos [conservadores, à direita] se manifestarem tem a ver com o fracasso de algumas políticas de esquerda. Ao abandonar as perspectivas reformistas, em particular a ideia de reforma política ao longo de catorze anos de poder, o PT e as esquerdas não ganharam a respeitabilidade almejada junto às elites sociais e políticas.

Outro analista, desta vez o economista e escritor Eduardo Giannetti, aponta que Jair estaria apelando para o sentimento de medo de certa parcela da população, abordagem típica de movimentos conservadores ao redor do mundo: “Na sua lista entram o colapso financeiro, a inflação, o desemprego, o terrorismo, a imigração, a mudança climática e a destruição dos valores familiares. (...) Quanto mais ameaçador o candidato pintar o futuro (...) mais fácil fica vender a ideia da ordem, da rigidez, da segurança, da polícia.” (DIEGUEZ, 2016, *online*).

Percebe-se aqui que o perfil analisa a conjuntura em que se encontra a candidatura de Jair. O texto aponta, por exemplo, para os fatores que favoreceram a sua escalada (“fracasso

¹⁵ Todas as citações recuadas referentes ao perfil “Direita, volver” foram retiradas do próprio texto de Consuelo Dieguez na edição 120 da revista *piauí*.

de algumas políticas de esquerda”), quem poderia se sentir atraído por seu discurso (“jovens mais vulneráveis a temas como direito à posse de arma e ações intempestivas contra a criminalidade”) e arriscar análises que, dois anos depois, se provariam incorretas: *as chances de eleição eram mínimas, a maioria das pessoas desconheciam Jair Bolsonaro* ou que *ele precisaria mudar seu discurso para ser eleito*.

Sobre o *candidato Jair Bolsonaro*, entretanto, faltam passagens em seus próprios termos que poderiam apontar qual é exatamente seu posicionamento ou projeto político para o país. Não por “falta” da jornalista, já que a postura do perfilado sobre comportamento e costumes aparece em diversos trechos. O problema é que, sem uma fala do próprio perfilado sobre suas decisões, restou à repórter a tarefa de posicionar Jair a partir de figuras políticas já conhecidas do público com as quais o pré-candidato nutre (ou diz nutrir) alguma admiração ou desafeição.

Neste sentido, a revista olha para trás, para o passado recente dos governos petistas, “objeto de maior ódio” de Jair, tentando contextualizar o “sentimento antipetista” que permeia as falas do então Deputado Federal, entre elas: “O PT se agarrou na teta da vaca feito berne”; “o governo do PT quer jogar os filhos contra os pais”; “[O PT quer] doutrinar os jovens para serem militantes do Estado”; “Não quero negociação com PT, PCdoB e PSOL. Eu espero que sejam varridos do mapa”; e “Bota eu, Lula e Dilma numa sala e aplica a prova do Enem. Se eu não tiver uma nota mais alta, não estou preparado.”

Em outros trechos, o perfil tenta projetar como seria uma possível “gestão Bolsonaro” a partir das figuras que o candidato admira:

Na política, tinha dois ídolos até pouco tempo atrás. A primeira-ministra alemã Angela Merkel era um deles, mas caiu no seu conceito quando abriu as fronteiras do país aos refugiados sírios. (...) Voltou-se para o caso brasileiro. “*Quem me garante que esses cubanos que estão aí são todos médicos? E se tiver terroristas entre eles? Qual o controle que nós temos?*” (...) Quanto a seu outro ídolo, o *general Garrastazu Médici*, Bolsonaro não tem reservas. “Ele foi um excelente presidente, fez quinze hidrelétricas e acabou com a guerrilha do Araguaia, evitando que se tivesse Farc na selva brasileira.” (grifos nossos)

A figura de Enéas Carneiro também é suscitada para traçar paralelos e prognósticos do que os leitores poderiam esperar como resultado das próximas eleições:

A última (e talvez única) vez que uma candidatura presidencial de *extrema direita* teve certa expressão na política brasileira desde o fim do regime militar foi em 1994. Naquele ano, o cardiologista Enéas Carneiro, um *ultranacionalista folclórico*, concorreu pelo nanico Prona e chegou em terceiro lugar, atrás apenas de Fernando Henrique Cardoso, eleito no

primeiro turno, e de Lula. Com mais de 4,6 milhões de eleitores (7% dos votos), o médico – que transformou a frase “Meu nome é Enéas” em bordão para driblar o pouco tempo de que dispunha na tevê – chegou à frente de lideranças tradicionais como Leonel Brizola e Orestes Quéricia. *Curiosamente, a eleição se deu dois anos depois do impeachment de Fernando Collor* (grifos nossos).

Finalmente, a menção constante ao Partido dos Trabalhadores e à “esquerda”, de modo geral, dá um caminho de interpretação para o título do perfil (que direciona a leitura de todo o perfil, por sua vez). “Direita, volver”, ou voltar, regressar, retornar à direita, algo diferente do passado que fora até mais recentemente. Em relação ao trecho acima, por exemplo, um aspecto curioso está no fato de que setembro de 2016, data de publicação do perfil, marcou o primeiro mês de Michel Temer (integrante do partido Movimento Democrático Brasileiro, considerado conservador) à frente da Presidência da República – depois do processo de impeachment que impediu a continuidade do mandato de Dilma, findado em 31 de agosto de 2016, dois anos antes das próximas eleições, que elegeriam Jair Bolsonaro presidente da República, fato que aparece aludido na capa da edição de setembro de 2016.

Quadro 4 – Perfil sobre Carlos Bolsonaro

Número da edição: 154, julho de 2019.

Autoria: Malu Gaspar.

Chamada na capa: “Os conflitos de Carlos, Malu Gaspar faz o perfil do filho Zero Dois de Bolsonaro”.

Título: “O pit bull do papai”.

Lead: “Os tormentos e as brigas de Carlos Bolsonaro, o filho mais próximo do presidente”.

Retrato: Charge em cores retrata Carlos em pé, vestindo terno e fazendo o gesto de coração com as mãos. A ilustração o mostra sorrindo, mas não feliz.

Legenda: Não tem.

Ideia central: Na esfera pública quem se opõe a Carlos sofre retaliação, mas na privada, ele é retraído e tem poucos amigos. O pai foi quem decidiu o futuro do filho e tem com ele “relação especial”, o que lhe garantiria influência nas tomadas de decisão do Presidente.

Adjetivos e expressões marcantes: “reservado”, “avesso”, “tipo casmurro”, “primeiro-filho” (em referência ao termo “primeira-dama”), “presidente Carlos Bolsonaro”, “risada estrepitosa” e “vereador campeão”.

Resumo

1. Carlos entrou para a política contra a sua vontade e apenas a pedido/ mando do pai.
2. A relação conflituosa que tem com os irmãos não raro se reflete na esfera pública.
3. Jair é quem decide o futuro dos filhos a cada eleição.
4. As redes sociais têm grande importância para o trabalho de Carlos.
5. Olavo de Carvalho é quem “influencia o que tem dentro da cabeça” de Carlos.
6. Jair reconhece a importância de Carlos para a sua eleição
7. Jair diz ter uma “relação especial” com Carlos, o que lhe daria acesso ao seu gabinete.
8. Carlos é solteiro, mas “reconhecido por sua proximidade” com Léo Índio, seu primo.
9. Carlos se irrita com o pai e sequestra as senhas das redes oficiais do Presidente.
10. Rodrigo Maia diz publicamente que é Bolsonaro quem comanda as atitudes de Carlos.
11. Dias Toffoli pede ao presidente para que “controle os rebentos”.
12. Carlos exige que as redes do pai-presidente mantenham o estilo adotado na campanha.
13. Sempre foi desejo de Carlos gerir a Secretaria de Comunicação.
14. Todos ao redor de Jair evitam e temem falar algo sobre Carlos.
15. O perfil termina com avaliações de quem já se “atracou” com “o pit bull do papai”.

Fonte: elaboração do autor.



Figuras 03 e 04: “Os conflitos de Carlos”, *piauí*, ed. 154 de julho de 2019 / Charge por Baptista.

Fonte: site da revista *piauí*.

Publicado em junho de 2019, na edição 154 da revista *piauí*, “O pit bull do papai” foi escrito por Malu Gaspar no decorrer de cinco meses de apuração (GASPAR, 2019, *online*).

O perfil apresenta Carlos como alguém que passou mais da metade da vida na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, boa parte desse período contra a sua vontade, mas a mando do pai. Jair é quem teria o poder de decidir a quais cargos os filhos poderiam ou não concorrer, de modo a fortalecer a própria carreira como deputado federal rumo à Presidência.

No perfil, *o filho mais próximo do presidente* ameaça constantemente o pai, que “teme que ele cometa um gesto extremo”. Embora o teor das ameaças não seja conhecido, Jair, por outro lado, parece aliciar Carlos contra todos os seus desafetos políticos. Um deles a própria ex-esposa, Rogéria Bolsonaro, e mãe dos seus três primeiros filhos:

(...) Pensou em Flávio para concorrer [às eleições para a Câmara Municipal] contra a mãe, ele recusou. Carlos, que preferiu morar com o pai após a separação do casal, topou a empreitada. (...) Rogéria fez suas queixas, *inclusive a de que Bolsonaro só colocava nos santinhos o sobrenome, e não o prenome do filho, para que o eleitor pensasse estar votando no pai.* (...) Bolsonaro e Carlos saíram vencedores. (...) A derrota a deixou deprimida e gerou uma crise que só foi resolvida tempos depois. (...) Antes do fim do primeiro mandato, em 2003, [Carlos] tatuou no antebraço a imagem do pai. (...) Na época, Bolsonaro foi franco ao explicar a vitória de Carlos para O Estado de S. Paulo: “*Transferência de votos. Além dos colegas de classe,*

quem mais votaria nele?” E deixou claro ao Jornal do Brasil que seria ele quem daria as ordens no mandato do vereador: “O gabinete dele será um apêndice do meu em Brasília.” Contou que proibiu o filho de tomar decisões sozinho: “Não quero que ele discuta nada particularmente com nenhum vereador.” Também proibiu entrevistas: “Podem querer abusar da inocência dele.” E assim foi. Na posse, Carlos ficou o tempo todo de mãos dadas com o pai. No primeiro discurso na Câmara, disse, ao microfone: “Falo não em nome do Partido Progressista (a sigla à qual era filiado), mas em nome do Partido do Papai Bolsonaro.”¹⁶ (grifos nossos).

É desta experiência conturbada que surge um dos motivos para o título do perfil: “falo não em nome do Partido Progressista, mas em nome do Partido do Papai Bolsonaro”. Muitos anos depois, já em seu primeiro ano de mandato como presidente, Jair disse a Claudio Dantas, jornalista do site *O Antagonista*, que “Carlos também é o meu *pit bull*. É importante ele estar do meu lado” (GASPAR, 2019, *online*, grifos nossos).

Carlos possui aversão à imprensa e não cedeu entrevista a Malu Gaspar – o que pode explicar o motivo de seu perfil na revista ser o único (dentro do recorte estabelecido) a não possuir um retrato fotografado. Segundo a reportagem, desde a eleição do pai, Carlos conversou apenas duas vezes com jornalistas. A primeira delas foi com Leda Nagle, conhecida amiga da família Bolsonaro, e a segunda com o youtuber Daniel Lopez. Malu Gaspar conta que, para contornar a situação, procurou ouvir pessoas ligadas à família e ao gabinete de governo de Jair e Carlos, além de consultar jornais, revistas e vídeos da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Na maioria das vezes, no entanto, a repórter não aponta quem são as fontes consultadas. E justifica:

Mais de uma vez, meus interlocutores manifestaram o temor de estar sendo vigiados ou grampeados. E mesmo os políticos preferiam fugir de conversas a respeito do filho do presidente. (...) todos simplesmente se negavam a tratar do assunto, ou só falavam em off, sem serem identificados. *Carlos tornou-se, em Brasília, Aquele-que-não-deve-ser-nomeado.*” (grifos nossos).

Segundo a reportagem, durante as eleições e os primeiros anos de governo Carlos se desentendeu com duas figuras importantes: Gustavo Bebianno, coordenador da campanha de Jair, e Hamilton Mourão, ex-vice-presidente da República. Com Bebianno, o desgaste se deu após a nomeação para a Secretaria-Geral da Presidência, que tinha como subordinada a Secretaria Especial de Comunicação Da República (Secom).

Todos sabiam que essa era uma área de influência de Carlos, e que ele e Bebianno vinham se desentendendo desde a campanha. (...) Carlos tinha

¹⁶ Todas as citações recuadas referentes ao perfil “O pit bull do papai” foram retiradas do próprio texto de Malu Gaspar na edição 154 da revista *piuí*.

avisado o pai: se o desafeto fosse nomeado, ele iria embora e não pisaria mais em Brasília. Esse tipo de ameaça abalava Bolsonaro. (...) Bolsonaro tentou fazer um agrado ao filho (...) deixou claro que pretendia entregar a Secom a Carlos, com status de ministério. (...) [Jair foi] desaconselhado por auxiliares mais próximos, preocupados com a lei que proíbe o nepotismo na administração pública. (...) Carlos cumpriu a ameaça feita ao pai: (...) “Semana que vem volto às atividades na Câmara de Vereadores do Rio. Complemento aos amigos que desde ontem não tenho mais, por iniciativa própria, qualquer ascensão às redes sociais de Jair Bolsonaro.”

No entanto, “quem bate de frente com Carlos dificilmente fica no posto”. Primeira autoridade do novo governo a cair, Bebianno – como registra o perfil – responsabilizou Carlos por sua saída precoce, afirmando que foi “crucificado porque o Carlos Bolsonaro fez uma *macumba psicológica na cabeça do pai*.” (GASPAR, 2019, *online*, grifos nossos).

Noutro trecho, os motivos para o desentendimento com Mourão: “[Carlos] havia postado, no canal de Jair Bolsonaro no YouTube, um vídeo em que Olavo de Carvalho acusava os militares brasileiros de se aliarem ao comunismo.” (GASPAR, 2019, *online*). Carlos acusou o vice, desta vez no Twitter, de conspirar contra o pai, alegando que Hamilton Mourão estaria “se alinhando a políticos que odiavam o pai” ao defender que Jean Wyllys, então deputado do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), permanecesse no país.

Os ataques foram tantos e tão intensos que o pai foi obrigado a se manifestar. (...) Embora no comunicado o presidente afagasse Carlos, “sangue do meu sangue”, também acarinhava o vice, que tinha sua “consideração e apreço”. (...) [Carlos] Trocou a senha do presidente no Twitter e bloqueou seu acesso por três dias. (...) E recusava-se a atender às ligações do presidente, que tentava apaziguar a situação.

A aparente neutralidade de Jair (“sangue do meu sangue” e “consideração e apreço”) ante o conflito exposto ao público abre caminho para que a autora coloque em xeque um pressuposto que irá se manter até o final do perfil: o de que Carlos, na verdade, age a mando do pai. E sobre esse ponto, o parágrafo abaixo é bastante revelador:

Não faltava quem achasse que os arroubos de Carlos eram estimulados pelo próprio presidente. *Bolsonaro havia deixado claro a alguns aliados que não gostara da declaração de Mourão [a favor do aborto, tolerância e respeito à democracia] (...) o deputado Marco Feliciano, ex-colega de Carlos no PSC, hoje no Podemos, protocolou um pedido de impeachment de Mourão na Câmara dos Deputados. E dizia para quem quisesse ouvir que tinha o apoio de Bolsonaro na iniciativa. Rodrigo Maia rechaçou de pronto o pedido, expressando de forma clara a desconfiança geral: “Ninguém fica preocupado com Carlos, todo mundo tem convicção de que o Bolsonaro é que comanda isso (...) O filho pode ser doido à vontade, mas num negócio daquela loucura só com autorização do dono da conta.”* (grifos nossos).

Para reiterar a posição da revista, outro caso semelhante é relatado, desta vez protagonizado por Eduardo Bolsonaro, de modo a incutir no leitor a ideia de que esse comportamento seria recorrente e, de fato, orquestrado por Jair.

José Antonio Dias Toffoli [presidente do Supremo Tribunal Federal] estava contrariado com um vídeo postado por Eduardo, o filho Zero Três, com ataques ao STF. (...) Num momento de descontração, *Toffoli sugeriu ao presidente que convencesse os rebentos a pegar mais leve nas redes sociais*. Bolsonaro deu uma resposta curta e direta para encerrar o assunto: “Não controlo meus filhos.” *No dia seguinte, o próprio presidente repostou o vídeo provocativo.* (grifos nossos)

Finalmente, o “pit bull do papai” direcionou sua ira para o general Carlos Alberto dos Santos Cruz e Floriano Amorim. Frente à Secom, ambos defendiam maior profissionalismo para as publicações das redes sociais do presidente. Carlos insistia que o tom adotado para os meses de campanha deveria ser mantido: “foi assim que ele foi eleito!”. Como noutros casos, Amorim foi substituído. Fabio Wajngarten, o substituto, foi agraciado com apreciação direta de Olavo de Carvalho, o que, para a autora, facilitaria o trato que ele receberia de Carlos futuramente.

Com pouco espaço para histórias de cunho pessoal, o perfil se concentra na trajetória política de Carlos, marcada por rugas e desapareço para com os temas em curso na sua casa legislativa, na capital do Rio de Janeiro. Em um dos trechos, no entanto, a repórter chega a mencionar que nos seus quatro primeiros anos de mandato, Carlos apresentou onze projetos de lei. Tido como um “vereador assíduo”, o texto, porém, não se aprofunda nas propostas do político. Noutro trecho, uma frase de apresentação foi retirada de sua página na Câmara: “os principais problemas do Rio são a miséria e a violência (...) para a primeira, controle da natalidade; para a segunda, redução da maioria penal e valorização dos servidores da área de segurança.”

Finalmente, o perfil termina com duas declarações que parecem resumir a tônica da publicação: para o delegado Waldir Soares, então líder do Partido Social Liberal na Câmara, “as interferências dos filhos [nas tomadas de decisões do governo federal] têm de ser compreendidas, [afinal] *qual presidente tem três filhos políticos?*” Já para Gustavo Bebianno, “quando *o presidente Carlos Bolsonaro* toma uma decisão, não tem volta.” (GASPAR, 2019, *online*, grifos nossos).

Quadro 5 – Perfil sobre Eduardo Bolsonaro

Número da edição: 162, março de 2020.

Autoria: Thais Bilenky.

Chamada na capa: “A mutação do Zero Três, como o boa-praça Eduardo Bolsonaro virou o porta-bandeira do extremismo, por Thais Bilenky”.

Título: “A viagem do vagão”.

Lead: “Como Eduardo Bolsonaro acabou virando quase tudo o que não era”.

Retrato: Retrato em preto e branco. Ele está sentado, sorri e segura uma pilha de livros. Na maior das lombadas lê-se “Idiota”. Eduardo parece se orgulhar do que tem em mãos.

Legenda: “Eduardo, com seus livros: ‘Se você ficar lendo só as grandes imprensas, você vai ter uma visão de mundo. Se conseguir sair disso e ler autores como Olavo, vai descobrir outro mundo’”.

Ideia central: Eduardo não cumpre com seus compromissos. Tem gosto por viajar, desde que bancado por dinheiro público. É inapto a tudo o que se propõe a fazer, um diplomata às avessas. Vaidoso, sua popularidade é mais virtual que real.

Adjetivos e expressões marcantes: “pele bronzeada”; “cabelo raspado”; “porte atlético”; “bonitinho do surf”; “mais votado da história”; “adora a fama”; “aprendeu a falar em público como se fala em um botequim”; “pródigo em gastos com viagens e econômico em projetos legislativos”.

Resumo

1. Era escrivão da Polícia Federal quando Jair resolveu que deveria aderir à política.
2. Viajou a Israel, não cumpriu com sua agenda e foi desrespeitoso com a cultura alheia.
3. Fez a primeira visita a Olavo de Carvalho em 2017, se aproximando da ultradireita.
4. Foi aconselhado por Steve Bannon, estrategista de Trump.
5. Indicou Filipe Martins e Ernesto Araújo para pensarem a “política externa” de Jair.
6. Tentou o posto de embaixador do Brasil nos EUA, mas não possuía experiência.
7. Possui livros nunca lidos e tende a supervalorizar perfis *online* com muitos seguidores.
8. Seu apartamento tem muitas referências a armas, mesmo que nunca tenha usado uma.
9. Na faculdade, era avesso a política e “lesado”, seu apelido era (debi)Loide.
10. Fez dois intercâmbios, mas faltava às aulas para viajar, foi funcionário fantasma do pai.
11. Suas posições políticas são flutuantes e seguem “os ditames paternos”.
13. Viajou a trabalho aos fins de semana para o Sul do país, onde conheceu sua esposa.
14. É considerado, nos círculos bolsonaristas, como um “potencial sucessor do pai”.

Fonte: elaboração do autor.



Figuras 05 e 06: “A mutação do zero três”, *piauí*, ed. 162 de março de 2020 / Retrato por Diego Bresani.

Fonte: site da revista *piauí*.

Publicado em março de 2020, na edição de número 162 da revista *piauí*, o perfil sobre Eduardo Bolsonaro se mostra como o mais equilibrado, entre os três elencados para a análise, no que diz respeito ao balanço entre as histórias das vidas privada e pública daquele que foi considerado como o “deputado federal mais votado da história” nas eleições de 2018.

O perfil “A viagem do vagão” parece ser construído a partir de dois motes. O primeiro deles é o da “metamorfose”, que se refere à mudança no posicionamento político de Eduardo no decorrer dos anos: “*era tão avesso à política em geral que chegava a abandonar as rodas de amigos quando começavam a falar do assunto*” e “*hoje, as posições políticas de Eduardo completam toda a lista ideológica da direita*”. O segundo mote, o do “*vagão (...) corruptela para vagabundo*” (BILENKY, 2020, *online*, grifos nossos), aparece em contraponto ao primeiro, e diz ao leitor que, apesar da guinada à extrema direita, no fundo, Eduardo continua o mesmo. Isto é, irresponsável e esbanjador, como mostram os trechos:

(...) esqueceu de se inscrever para a segunda fase [do vestibular e *foi para a praia*] (...) [durante o intercâmbio] as aulas não deixaram impressão tão entusiasmada *quanto as viagens de mochilão* (...) [já como parlamentar] se encontrava na Austrália, era dia de eleição para a presidência da Câmara. [Jair] Bolsonaro era um dos candidatos, e *o filho não estava lá para votar no pai* [nunca se soube o que levou Eduardo para a Austrália, segundo o perfil] (...) Só no primeiro ano de mandato, viajou oito vezes para Porto Alegre, *sete*

*das quais em fins de semana (...) [Eduardo é] uma espécie de “diplomata” da família Bolsonaro movido mais pelo prazer que tem de viajar do que propriamente pelo apetite intelectual por política externa (grifos nossos)*¹⁷.

Assim como os irmãos mais velhos, Flávio e Carlos, Eduardo entrou para a política a mando do pai. “[Jair] foi enfático: ele deveria se candidatar (...) [Jair] *calculou que poderia expandir sua base eleitoral se Eduardo fosse candidato em São Paulo (...) Por decisão do pai, concorreu pelo Partido Social Cristão, a fim de pegar carona nos votos da legenda.*” Uma cena similar à presente no perfil sobre Carlos é narrada: “Em seu primeiro discurso na tribuna da Câmara (...) [Eduardo] anunciou que pautaria sua atuação segundo os ditames paternos. ‘Sou filho do deputado Jair Bolsonaro. A batida a ser seguida é essa: *lá em casa não tem muita democracia, não*’”.

Sua atuação durante o primeiro mandato é comparada à do pai: “[Eduardo] faltou a 9% das sessões plenárias, 30% das sessões em comissões e gastou 1,5 milhão de reais dos cofres públicos com a cota parlamentar”. Nos bastidores, como conta a repórter, Eduardo é chamado por apelidos como *Bolsonarinho* e *Mitinho* – mas os paralelos traçados entre Jair e Eduardo não param por aí. Em outro trecho, Bilenky lembra de algumas falas do “polemista” Eduardo e aponta que, “como o pai, Zero Três aprendeu a falar em público como se fala em um botequim” e ainda que, “como o pai, coleciona uma sucessão de destampatórios.” Na avaliação da autora, a decisão por “ocupar todos os lugares do extremismo” serviu ao propósito de acobertar os irmãos, “atolados eles próprios em denúncias”, como a relação entre Flávio e o assassinato de Adriano da Nóbrega¹⁸ e a relação entre Carlos e a CPMI das Fake News¹⁹. Entre os episódios recuperados, estão publicações nas redes sociais e entrevistas em que Eduardo afirma coisas como:

(...) o Supremo Tribunal Federal poderia ser fechado com o emprego apenas de “um soldado e um cabo” (...) a eventual radicalização da esquerda brasileira poderia ser respondida pelo governo “via um novo AI-5” (...) “Em nome das mulheres, uma banana (...) pode gritar à vontade, mas só raspa o sovaco, senão dá um mau cheiro do caramba (...) Eu não duvido que a senhora Patrícia Campos Mello, jornalista da Folha, possa ter se insinuado sexualmente, como disse o senhor Hans, em troca de informações para tentar

¹⁷ Todas as citações recuadas referentes ao perfil “A viagem do vagão” foram retiradas do próprio texto de Thais Bilenky, na edição 162 da revista *piauí*.

¹⁸ Ver a avaliação da subsidiária da BBC no Brasil: “Qual é a relação entre acusado de chefiar milícia morto e Flávio Bolsonaro?”, artigo sem autoria, publicado em 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/brasil-51447905>

¹⁹ Ver reportagem do jornal Folha de S.Paulo: “PF identifica Carlos Bolsonaro como articulador em esquema criminoso de fake news”, matéria de Leandro Colon, publicada em 20 de abril de 2020. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/pf-identifica-carlos-bolsonaro-como-articulador-em-esquema-criminoso-de-fake-news.shtml>

prejudicar a campanha do presidente Jair Bolsonaro. Ou seja, é o que a Dilma Rousseff falava: fazer o diabo pelo poder.

Em outro trecho, lê-se que, mesmo com a atuação inexpressiva, Eduardo recebeu mais de 1,8 milhão de votos em 2018. Um dos muitos políticos a “surfarem na onda Bolsonarista”, segundo a reportagem. Já em seu segundo mandato, Eduardo recebeu a equipe de *piauí* em seu apartamento funcional, em Brasília (DF). Como decoração, a repórter observou “muitas referências a armas”, mas também uma coleção de livros nunca lidos. Um deles, “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” (2013), de Olavo de Carvalho, autor referência para toda a família Bolsonaro. Nas palavras de Eduardo, “se você ficar lendo só as grandes imprensas, você vai ter uma visão de mundo, [mas] se você conseguir sair disso e ler autores como Olavo (...) você vai descobrir outro mundo” (BILENKY, 2020, *online*).

Segundo o perfil, o responsável por apresentar Olavo de Carvalho a toda a família foi Flávio, o mais velho dos três irmãos. Encantado com o discurso do astrólogo, “que dizia dedicar sua existência à luta contra a conspiração comunista mundial”, Eduardo foi estudar com Olavo nos Estados Unidos, em 2017. Lá, conheceu Filipe Garcia Martins, que o aproximou de figuras expoentes da extrema direita estadunidense, como Steve Bannon, estrategista da campanha de Donald Trump, de quem teria ouvido que “o movimento anti-PT vai ajudar [a eleger Jair Bolsonaro], mas ganhar uma eleição requer que agregue o centro. É o que fiz com Trump.” Em 2018, Eduardo indicaria Martins e Ernesto Araújo, ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil, para integrarem o governo do pai. Não por coincidência, o setor da política externa de Bolsonaro ficou conhecido como um dos mais reacionários de toda a sua gestão. De acordo com a passagem, a divisão do trabalho entre os três ficou nítida para quem trabalhou com/ para Jair: “a Martins cabia formular ideias e pensar a política externa. Araújo executava as sugestões, tirando-as do papel. E Eduardo, que não formula nem executa, continuou no papel de propagandista nas redes sociais” (BILENKY, 2020, *online*).

Sobre a vida pessoal de Eduardo, um dos trechos relatados por Bilenky lembra a sua adolescência. Segundo a autora, ele e os colegas de condomínio “bebiam, fumavam maconha e cheiravam loló, um entorpecente caseiro à base de clorofórmio e éter”. Eduardo nega, mas, como insiste a repórter, vem dessa época o apelido de “vagão”, “corruptela para vagabundo”, dado pelo próprio pai. Um dia, os adolescentes do condomínio foram presos. Segundo fontes anônimas ouvidas pela repórter, Jair não se abalou e teria dito aos assessores: “Deixa ele aí guardado para aprender.”

Já colegas da Faculdade Nacional de Direito ouvidos por Bilenky “contam que Eduardo era um sujeito boa-praça, agradável e cordato, que nunca defendeu posições

extremistas.” Vanessa Berner, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma não reconhecer o “personagem” de hoje: “porque o Eduardo Bolsonaro aluno era normal, gentil, educado.” Eduardo, por sua vez, não mantém nenhuma das amizades da época. Para a repórter, uma das mudanças mais expressivas no modo que Eduardo concebe o mundo pode ser “testemunhada” por seu Trabalho de Conclusão de Curso:

(...) escrito em 2008, é um testemunho da sua mutação. (...) [Eduardo] criticou o *plea bargaining*, instituto do direito norte-americano que dá aos procuradores o poder de negociar a pena com o acusado em troca de sua confissão (...) [No texto] disse que a disparidade de forças entre defesa e acusação é tão “escrachante” que o *plea bargaining* parece “uma pena sem julgamento” (...) Formado há menos de doze anos, Eduardo hoje pensa o oposto (...) defendeu o *plea bargaining*, que chegou a ser incluído sem sucesso no pacote anticrime proposto pelo ministro da Justiça, Sergio Moro (...) No ano passado, apoiou a prisão de condenados antes que todos os recursos fossem analisados (...) Para Eduardo, é natural que sua visão de mundo tenha mudado tão radicalmente em tão pouco tempo (...) “A minha preocupação era passar de ano e estudar para concurso.

O trecho é sucedido por outras passagens que colocam em dúvida as convicções políticas de Eduardo, indicando um possível oportunismo:

Em 2017, por exemplo, ele era contra a reforma da Previdência proposta pelo então presidente Michel Temer (...) Quando o governo de Bolsonaro propôs uma reforma previdenciária até mais profunda, Eduardo apoiou-a integralmente (...) No início de sua vida parlamentar, apresentou um projeto para acabar com a prerrogativa do presidente da República de indicar ministros do Supremo Tribunal Federal. Depois da eleição de seu pai, abandonou o projeto (...) Em 2019, Eduardo e o pai eram favoráveis ao orçamento impositivo, mecanismo que retirou do governo parte do controle das contas públicas e passou a obrigá-lo a liberar as verbas aprovadas pelas bancadas estaduais (...) Agora, Eduardo virou-se contra o orçamento impositivo. Até colocou-se a favor de uma manifestação popular (...) contra o Congresso, porque os parlamentares estão fazendo uso do orçamento impositivo, que agora passou a ser considerado uma “chantagem” contra o governo.

De todo modo, uma pergunta parece pairar por toda a extensão do perfil: até que ponto uma pessoa pode realmente mudar? O trabalho inexpressivo como deputado federal, o modo como se dirige aos interlocutores e a aparente facilidade com que muda seu posicionamento frente a situações mais ou menos favoráveis direcionam o texto de Bilenky para as opiniões de assessores que acreditam que Eduardo é “um potencial sucessor do pai”. Autoridades até então próximas a Jair, no que diz respeito ao campo ideológico, também foram ouvidas. Para Gustavo Bebianno, “Eduardo é um filhinho de papai”; para Alexandre Frota, “dos três filhos, é o mais bobo”; por último, Sérgio Olímpio Gomes, mais conhecido como Major Olímpio, diz

que “Eduardo não tem caráter. É um sujeito fraco. Se tiver um problema, *ele dá um jeito de sumir sem resolver.*” (BILENKY, 2020, *online*, grifos nossos).

Finalmente, a repórter arremata a ideia geral do texto, indicando que Eduardo, “(...) depois de viajar para o Japão, a Índia, a Itália, o Chile, a Argentina, a Hungria, vários países do Oriente Médio e diversas vezes para os Estados Unidos, agora, depois de tudo isso, planeja outra guinada. ‘Quero me dedicar mais ao Brasil’” (BILENKY, 2020, *online*).

3.4 O registro político de *um tempo*

A partir das considerações para a produção de perfis elencadas no segundo capítulo (como a importância de entrevistar a pessoa de que se trata o texto ou da transparência em relatar os meios com que se chegou às informações apresentadas), é possível apontar que as autoras, de certa forma, “explicam” o processo de feitura dos perfis: são mencionadas as datas dos encontros, assim como a ocasião ou o lugar, ou é justificado o porquê da entrevista não ter acontecido. Um modo de ser transparente com o leitor que se integra à própria narração do perfil:

Jair Bolsonaro estava acomodado atrás de uma mesa de madeira escura, repleta de papéis, *quando o encontrei em seu gabinete, na Câmara dos Deputados, num final de tarde de julho.* (...) *Antes mesmo que me sentasse,* perguntou se eu havia gostado dos quadros na parede. Eram fotos emolduradas dos generais que ocuparam a Presidência da República durante a ditadura militar (...) “Você queria que eu colocasse a foto de quem aí? Da Dilma?”, e riu alto (...) *Voltamos a nos encontrar na manhã seguinte à visita que fiz a seu gabinete.* (...) Dessa vez me recebeu no gabinete do filho Eduardo, encostado ao seu. (DIEGUEZ, 2016, *online*, grifos nossos).

Fiz vários pedidos de entrevista com Carlos Bolsonaro à assessoria do vereador, todos negados. *Numa das vezes em que fui à Câmara tentar falar pessoalmente com um dos assessores, não me autorizaram a entrar no gabinete* e ainda me disseram que não deveria mais ir até lá sem avisar. (...) *Nos três meses em que trabalhei nesta reportagem,* escutei de cinco fontes diferentes – aliados e ex-aliados – que, toda vez que Carlos ameaça ir embora ou retaliar o pai, Bolsonaro teme que ele cometa um gesto extremo (GASPAR, 2019, *online*, grifos nossos).

O casal está em seu apartamento funcional, na Asa Norte de Brasília, numa quarta-feira do início de fevereiro. (...) Em seu apartamento em Brasília, além de exibir as fotos do book de modelo, Eduardo decide mostrar alguns de seus livros. (...) Nas paredes, os enfeites bélicos trazem frases em inglês (...) Na prateleira de bebidas, há uma garrafa da tequila Hijos de Villa em formato de revólver. A bebida sai pelo cano. A cachorra, uma vira-lata cor de caramelo que usa três presilhas na cabeça, chama-se Beretta, uma marca italiana de armas. (BILENKY, 2020, *online*, grifos nossos)

Outro ponto que interessa destacar é que esses perfis versam sobre três homens cisgênero e heterossexuais, até onde se sabe, e foram escritos por três mulheres cisgênero e heterossexuais, até onde se sabe. Essa marca aparece, por exemplo, quando Consuelo Dieguez registra que Jair Bolsonaro é especialmente grosseiro com ela, precisando, em duas ocasiões, da interferência de outro homem para acalmar-lhe os nervos. Ou então, quando Malu Gaspar sugere que Carlos “*dizia namorar Paula Bramont*”, trecho que é logo sucedido por uma passagem sobre Léo Índio, com quem, segundo o perfil, Carlos mantém relação próxima e “muito conhecida” – indicando então uma possível relação homoafetiva entre os dois. Ou, ainda, quando Thais Bilenky observa que Eduardo Bolsonaro parece se divertir “com o incômodo da mulher” quando este decide mostrar à repórter um álbum de fotografias em que o perfilado aparece seminu:

Não é preciso muito esforço para arrancar respostas do deputado. Elas costumam ser incisivas e *não raro se confundem com um ataque ao interlocutor*. (...) Quando questionei se o ajuste nas contas não seria imperioso, irritou-se. “Você está numa linha de me colocar na parede, mas eu não vou entrar na tua linha.” (...) O pastor Everaldo, que acompanhava a cena à distância, aproximou-se, *preocupado com a alteração de humor do correligionário*. (DIEGUEZ, 2016, *online*, grifos nosso)

[Carlos] *É solteiro e até o início deste ano dizia namorar Paula Bramont*, funcionária da Prefeitura de Florianópolis (...) Embora Leonardo Rodrigues de Jesus, o Léo Índio, não tivesse nenhum cargo na Esplanada, foi reconhecido por todos os funcionários que estavam em suas mesas naquela manhã. No planeta do bolsonarismo, *o sobrinho do presidente é uma celebridade amplamente conhecida nas redes sociais, não tanto por causa do tio, mas por sua proximidade com Carlos Bolsonaro*. (...) Léo Índio sempre teve afinidade com o Zero Dois. (...) Por um tempo, Índio morou na casa de Carlos, na Barra da Tijuca. *Até ajudava o primo a cuidar de Pituka*, a cachorrinha shitzu do Zero Dois, e o acompanhava nos churrascos e baladas. (GASPAR, 2019, *online*, grifos nossos).

Eduardo olha para o seu segurança e dá um sorrisinho, *como quem se diverte com o incômodo da mulher*. Conta que nunca mostrou à imprensa o álbum de modelo. “Não me chama de homofóbico, mas *nessa época sempre tinham uns caras que queriam ou me comer ou dar para mim*”, diz ele. Vigilante, Heloísa observa: “Essa tua frasezinha foi anotada, Eduardo.” (...) Heloísa (...) acompanha de perto a entrevista do marido. Quando ela intervém, antecipando alguma resposta, *ele reage: “Muito obrigado, minha senhora.”* (...) Ele saboreia o prazer de mostrar as fotos do book, apesar dos protestos de Heloísa (BILENKY, 2020, *online*, grifos nossos).

Ademais, os três textos parecem se complementar e abordar uma questão central: ao falar sobre os filhos, *piauí* consegue falar um pouco mais sobre o pai. Disso, o leitor pode expandir seu conhecimento sobre a intimidade dos Bolsonaro (família) e de Bolsonaro (o presidente e seu governo, principalmente se for levado em consideração os outros textos de “Vultos da República”). De tudo o que se lê nos perfis, é possível compreender que Jair é um

homem tirânico em casa, e conseguiu desviar os filhos de suas aspirações para seguirem na carreira política – o que, em sua análise, alavancaria suas chances de atingir o cargo da presidência (agora, se Jair é uma pessoa tirânica em casa, o leitor pode, por indução, pensar sobre a postura que Jair assumiria à frente do poder executivo do país):

A vida de vereador, porém, não o agradava, e *Carlos foi ficando cada vez mais desgostoso*. No segundo mandato, quando por vezes se reunia com um grupo de vereadores e assessores em algum bar da Zona Sul do Rio, costumava expressar sua insatisfação: “*Eu não gosto de política, não queria estar aqui.*” Os colegas faziam a pergunta óbvia: *Por que, então, continuava?* “*Só continuo porque meu pai quer*”, ele respondia. (...) Carlos pensou seriamente em abandonar a política. Apreciador de esportes radicais, queria fazer o que não tinha feito quando adolescente: voar. Era aluno de ciências aeronáuticas na Universidade Estácio de Sá (...) *Por causa do dilema, chegou a ter crises de ansiedade*. Formou-se em 2005, mas já havia então se acomodado na vereança. *O pai venceu a batalha*. (GASPAR, 2019, online, grifos nossos).

Era a primeira vez que um membro da família Bolsonaro disputava um cargo executivo e participava de um debate na tevê. Flavio, o candidato a prefeito, e seu pai vinham se desentendendo havia algum tempo. (...) Jair não via com bons olhos a candidatura do primogênito [Flavio], então no quarto mandato de deputado estadual. *Temia que um eventual fracasso pudesse prejudicar sua própria campanha à Presidência*, dali a dois anos. (GASPAR, 2019, online, grifos nossos).

A regra da família impedia que dois membros disputassem o mesmo cargo. (...) Carlos era vereador, Flavio tinha uma cadeira de deputado estadual e [Jair] Bolsonaro exercia mandato de deputado federal em Brasília (BILENKY, 2020, online, grifos nossos).

(...) Até então, *Eduardo conseguira evitar as urnas*. Quatro anos antes, o pai ensaiou lançá-lo para deputado federal pelo PP, mas as coisas acabaram não dando certo, *para alívio do rapaz*. Da segunda vez, porém, Bolsonaro foi enfático: ele deveria se candidatar. (...) *Obediente, ele abriu mão do surfe e começou a campanha*. (...) Em seu primeiro discurso na tribuna da Câmara, em fevereiro de 2015, disse: (...) *Sou filho do deputado Jair Bolsonaro. A batida a ser seguida é essa: lá em casa não tem muita democracia, não.*” (BILENKY, 2020, online, grifos nossos).

Sobre o aspecto *republicano* dos três perfis, pouco é dito sobre o que os políticos acreditam e defendem. Ou o que entendem por política, o que os move, por assim dizer. No entanto, a revista deixa claro em diversos trechos a obsessão da família com questões armamentistas e de costumes, e o quanto todos os três nutrem sua desafeição pelo Partido dos Trabalhadores (PT) ou “qualquer pensamento ou ato que possa ser remotamente identificado com a esquerda” (DIEGUEZ, 2016, online). Algo intimamente relacionado à maneira como as pessoas moldam suas identidades. Afinal de contas, falamos sobre o que somos também ao estabelecer o que não somos. Em outra linha, como apontado na descrição comentada dos perfis, os textos mostram como que, além de instruir os filhos a seguirem o seu caminho, Jair

também deixou com que cada um deles “apadrinhasse” áreas de importância significativa durante a sua gestão: Carlos, a da comunicação, e Eduardo, a política externa.

Bolsonaro odeia. Abomina Lula, Dilma, o PT, o MST e os comunistas (...) Bolsonaro é odiado. Pela esquerda e por vários outros movimentos sociais. (...) Os três [primeiros filhos de Jair] comungam das mesmas ideias do pai: abominam Fidel Castro, Hugo Chávez, Nicolás Maduro, Lula, Dilma Rousseff, o PT, o MST, Cuba, comunistas e qualquer pensamento ou ato que possa ser remotamente identificado com a esquerda. (DIEGUEZ, 2016, *online*).

Um dos grandes embates de Bolsonaro com o PT e demais partidos de esquerda se deu durante os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade. (...) Para o deputado, por trás de tudo existiria uma trama artilhada da esquerda – o governo do PT queria jogar os filhos contra os pais para “esculchar a família e doutrinar os jovens para serem militantes do Estado” (...) O PT nunca botou um general em lugar nenhum. Por que eu vou ter que botar alguém da esquerda no meu ministério?” (DIEGUEZ, 2016, *online*).

Para Carlos, a maioria dos jornalistas é de esquerda (...) [Durante sessão da Câmara Municipal do Rio em 26 de junho, Carlos disse ao microfone que] “a esquerda vai continuar sendo detonada, como vem sendo há muito tempo nesse país, porque nos destruiu, não economicamente, mas moralmente. Em todos os sentidos”. (GASPAR, 2019, *online*).

O pit bull só se revelava mesmo nas redes sociais. Ali, estava sempre em guerra – com a mídia, os inimigos do PSOL e do PT, mas também com os ex-aliados aos quais queria passar recados. (...) Como orador (...) falou contra políticas LGBT, contra o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e contra a concessão da cidadania fluminense a Jean Wyllys, ex-deputado do PSOL (GASPAR, 2019, *online*).

[Eduardo] Assumiu já anunciando que, na sua opinião, o PT estava prestes a “implantar uma ditadura cubana” no Brasil. (...) Em um blog que mantinha à época, explicou a única viagem feita em dia útil: “Ouvir os gaúchos sobre o desarmamento do cidadão de bem proposto pelo PT.” (BILENKY, 2020, *online*).

[Em Israel] Eduardo apareceu bem-humorado no salão do café da manhã. Brincou que o fantasma do Partido dos Trabalhadores estava no seu encalço porque o número do seu quarto no hotel era o 513 – o PT é identificado eleitoralmente pelo número 13. Contou que, na porta do quarto, ao lado do 513, ainda havia uma estrela vermelha. Depois do café, enquanto os deputados caminhavam pelas ruas de pedra da parte antiga de Jerusalém, Eduardo apontou o número 13 de uma casa e insistiu na piada: “Olha aí. Estão me perseguindo.” (BILENKY, 2020, *online*).

Finalmente, ainda sobre a construção dos enquadramentos, é possível dizer que uma ideia se destaca em cada um dos perfis. Seguindo as recomendações para a produção de perfis expostas no segundo capítulo desta monografia, além da descrição de Porto (2002) para os *enquadramentos noticiosos*, aqueles que determinam o formato final de uma reportagem, é correto dizer que os três perfis apresentam o *enquadramento de interesse humano*: a narrativa está centrada em um único sujeito (Jair, Carlos e Eduardo), que, porventura, é representante

político e atua pelo interesse de parcela considerável da população (os perfis sobre Carlos e Eduardo, por exemplo, apontam os resultados notáveis que atingiram nas eleições de 2018). Por outro lado, também é possível perceber que o *enquadramento interpretativo* se faz presente em todos eles: os textos reúnem análises de especialistas (historiadores, economistas, cientistas políticos e outros) e de autoridades próximas aos três perfilados, que puderam fornecer suas versões sobre os bastidores da campanha e da gestão de Jair Bolsonaro – cenário que, dada a “peculiaridade” da situação (um presidente com três filhos políticos), se estende para todos os três perfis. A partir desta análise, chegou-se aos três enquadramentos abaixo:

Subestimação: com o intuito de apresentar o político e candidato à presidência, o perfil “Direita, Volver”, sobre Jair Bolsonaro **1)** Traça o histórico da extrema direita no país: “As direitas, por aqui, sempre recusaram este rótulo”, segundo o historiador Daniel Aarão Reis Filho; **2)** Compara a candidatura de Jair a última candidatura presidencial de extrema direita “com certa expressão” desde a redemocratização do país: “Enéas Carneiro, um ultranacionalista folclórico, concorreu pelo nanico Prona e chegou em terceiro lugar”; **3)** Concorda que “está em germe uma candidatura de extrema direita”, mas afirma, na voz do cientista político André Singer, que não existe chances de eleição, “longe disso”; **4)** Explica o fascínio que parte da população sente por seu “discurso do medo”, algo que o economista Eduardo Giannetti aponta ser “típico da direita em todo o mundo”; **5)** Anuncia Jair como um “candidato de nicho” e que, para se eleger, de acordo com Alessandro Janoni, diretor do instituto Datafolha, “teria que mudar muito o seu discurso para atingir a maior parcela da população” (DIEGUEZ, 2016, *online*). Por fim, ao vaticinar as chances de eleição de Jair, *piauí* subestimou a força política da personagem e da extrema direita no Brasil. Percebe-se, pelo discurso bélico presente no título da capa – “a direita que atira” – e na legenda do retrato – “cartão de visita para marginal do MST é cartucho 762” –, que Bolsonaro não precisou mudar o seu discurso para atrair a maior parcela da população, afinal. Ele foi eleito em segundo turno com 55,13%²⁰ dos votos válidos e, durante sua gestão, o número de pessoas com licenças para atividades de caçador, atirador desportivo e colecionador (CAC) cresceu 474%, segundo dados do Anuário de Segurança Pública, com o total de 904.858 novas armas registradas entre os anos de 2019 e 2022²¹. Nesta

²⁰ Ver página oficial do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Disponível em: <<https://bit.ly/3LiRJpc>>

²¹ Ver reportagem de Arthur Stabile, “Governo Bolsonaro liberou em média 619 novas armas por dia para CACs; 47% dos registros foram em 2022”. Disponível em: <<http://glo.bo/3leF6kh>>

mesma direção, o aumento nos registros de crimes de ódio e intolerância política fizeram com que o ano de 2022 entrasse para a história como o ano eleitoral mais violento do pós-ditadura no Brasil²², crimes que, de acordo com especialistas, foram estimulados por discursos proferidos por Jair Bolsonaro durante sua gestão²³.

Superestimação: com o intuito de responder que papel Carlos desenvolveria nos quatro anos de mandato de Jair, o perfil “O pit bull do papai” foi publicado ainda no primeiro semestre de governo Bolsonaro e **1)** Reconstrói a entrada de Carlos para a política: “Falo em nome do Partido do Papai Bolsonaro”; **2)** Aponta que militares, assessores e demais políticos temem sofrer retaliação do “*pit bull*”: “Carlos tornou-se *aquele-que-não-deve-ser-nomeado*”; **3)** Mostra que seus desafetos “difícilmente ficam no posto”, caso de Gustavo Bebianno e Floriano Amorim; **4)** Sugere, na voz de autoridades da política nacional, que Carlos age a mando do pai: Rodrigo Maia (“todo mundo tem convicção de que o Bolsonaro é que comanda isso”), Dias Toffoli (“convencesse os rebentos a pegar mais leve nas redes sociais”) e Delegado Waldir (“Depois que ficam grandes, quem controla os filhos?”); **5)** Estende a análise para um suposto desejo de Carlos em controlar a Secretaria de Comunicação Social (Secom), subordinado à Presidência da República, algo que Jair estaria disposto a conceder ao filho, ainda que fosse desaconselhado por assessores. Na época, Carlos cumpria seu quinto mandato como vereador do Rio de Janeiro (RJ) e a conclusão que se chega a partir desta série de relatos é de que o político estaria dotado de poderes maiores àqueles concedidos ao seu cargo político: acesso facilitado ao gabinete do presidente da República e controle das redes sociais do pai são apenas alguns exemplos. Ao fim do mandato de Jair, entretanto, o poder de Carlos parece ter minguado. Reportagem do *Metrópolis* ouviu diversos funcionários e assessores do Palácio da Alvorada, a casa da Presidência da República, que relataram “brigas estrepitosas” entre Carlos e a então primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Em um dos episódios, “funcionários contam que Carlos chegou ao palácio acompanhado dos seguranças de sua escolta e foi impedido de entrar. Ordens de Michelle.”²⁴ Se antes as pessoas que se desentendiam com “o

²² Ver análise completa em Uol Notícias, “Crimes de ódio e intolerância política entram para a história da eleição mais violenta do pós-ditadura no Brasil”. Disponível em: <<https://bit.ly/3JyxEtS>>

²³ Ver levantamento produzido pela subsidiária da BBC no Brasil, “6 vezes em que violência política pode ter sido estimulada em discursos”. Disponível em: <<https://bbc.in/3mBmOKo>>

²⁴ RANGEL, Rodrigo; TEÓFILO, Sarah. **As provas que ligam Michelle Bolsonaro à suspeita de caixa do no planalto**. *Metrópolis* [online], 03 fev. 2023. Segredos do Alvorada. Disponível em: <<https://bit.ly/3ZHwFwP>> Acesso em: 07 fev. 2023.

filho mais próximo do presidente” se davam muito mal, hoje, o *pit bull do papai* virou um poodle.

Equilíbrio: a partir da consideração de Jair Bolsonaro em nomear o filho Zero Três embaixador do Brasil nos Estados Unidos, o perfil “A viagem do vagão” surge com a proposta de responder “como Eduardo Bolsonaro acabou virando quase tudo o que não era”. Thais Bilenky, a autora, ouviu pessoas que conheceram Eduardo antes de sua “mutação” em garoto propaganda da extrema direita e buscou explorar aspectos mais variados da vida do perfilado. No entanto, o perfil também diz que Eduardo possui uma essência, que se manteve inalterada. E, desse modo, o texto é construído de forma a reforçar a inaptidão de Eduardo para tudo aquilo que se propõe a fazer, inclusive o trabalho como embaixador: **1)** durante a adolescência, não demonstrou grandes aspirações ou interesses especiais – passava as tardes fumando maconha com amigos; **2)** os colegas da Universidade o desprezaram como “bobalhão, meio retardado”; **3)** assessores apontam que ele não tem capacidade para formular ideias ou as colocar em prática; **4)** como parlamentar, apresentou apenas um projeto de lei, abandonado por ele meses depois; **5)** não fala bem outras línguas e não possui experiência diplomática; **6)** defendeu sua candidatura à embaixada do Brasil afirmando ter feito dois intercâmbios durante a graduação, no entanto, segundo apurou a reportagem, Eduardo faltava as aulas para viajar “de mochilão”; **7)** durante sua sabatina no Senado, para a vaga de embaixador, respondeu não conhecer Henry Kissinger ao ser indagado sobre o Nobel da Paz; **8)** Tem muitos livros não lidos, dos quais parece se orgulhar. Entre eles, “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” (2013), de Olavo de Carvalho. Desses relatos, depreende-se que Eduardo é um diplomata às avessas: não possui “apetite intelectual” e, quando resolveu que se envolveria com a política externa (“um grande risco para o governo e a imagem do Brasil lá fora”), sujeitou o país à condição de “vassalo de Israel” e pôs em risco as relações entre Brasil e Estados Unidos ao posar com um boné da campanha de Donald Trump para 2020, entre outras situações relatadas de forma a dar coerência ao discurso construído sobre Eduardo no perfil. Ainda que feito de maneira irônica e tendenciosa ao enquadramento do “vagão” (“corruptela para vagabundo”), existe certo equilíbrio entre os relatos sobre a vida pessoal e profissional de Eduardo, o que poderia aproximar a sua história de vida da realidade que se apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às análises empreendidas, que incluíram elementos como as capas, os títulos e subtítulos, retratos e legendas, e fontes ouvidas no decorrer da produção dos perfis, é possível notar que a revista *piauí* mantém um posicionamento fortemente marcado frente aos acontecimentos da República (o que não é nenhum demérito): posiciona Jair Bolsonaro à extrema direita do espectro político, ainda que este recuse tal classificação, e mostra como a “peculiaridade” de se ter um presidente-pai de três filhos políticos transpassou por diversas vezes os limites entre público e privado. O “negócio familiar” que Jair construiu ao longo de sua carreira política é revisado a partir da perspectiva do ex-presidente, de seus filhos, aliados e ex-aliados, e prevalece a avaliação dos efeitos negativos do “modelo”, que recaem sobre Carlos e Eduardo – enquanto o primeiro ficou doente (o perfil relata que Carlos desenvolveu crises de ansiedade), o segundo ficou aliviado por não ser considerado, pelo pai, apto a concorrer aos cargos públicos – e também sobre a imagem do país no exterior.

É possível constatar ainda amplo espaço dedicado às declarações da pessoa de que se trata o perfil. O “enfrentamento” entre repórter e entrevistado, a partir das diferentes subjetividades que guiam seus modos de ser e estar no mundo, também é bastante explorado, inserindo-se como elemento narrativo das histórias publicadas sob “Vultos”. Mesmo quando não há a interação repórter-entrevistado, percebe-se o cuidado das repórteres em buscar declarações dadas para outros meios de comunicação, vídeos disponíveis em arquivos e avaliações das pessoas de seus círculos íntimos, de forma a buscar, ao menos em partes, o posicionamento do sujeito sobre os temas elencados pela revista/ repórter ao compor os perfis.

Dessa forma, a pesquisa mostra como a revista *piauí* recorre às características próprias do formato perfil para revelar singularidades da família Bolsonaro. O que, em alguma medida, explica o cenário político a partir de seus bastidores, em todos os quatro anos (e um pouco antes) do governo Bolsonaro. Ao apostar em uma abordagem narrativa para os seus textos, a revista afirma o potencial de formatos como o perfil para o trato de certos dilemas políticos do país, especialmente aqueles que envolvem atores que transitam nas esferas de poder.

Afirmando que o tratamento dado ao conteúdo depende, de fato, das escolhas editoriais do veículo. Que passa por escolhas individuais dos repórteres (na seleção de fontes e estratégias narrativas adotadas, etc.), mas também pela decisão de João Moreira Salles quando decidiu ter o perfil como um dos destaques de *piauí* para, em suas palavras, se pensar e conhecer o Brasil.

No entanto, como mostram as análises individuais, o perfil tende a ser mais interessante e menos arriscado, no que diz respeito à tarefa de prognosticar possíveis cenários, quando é mais preocupado com a trajetória dos sujeitos.

Para escrever sobre **Jair**, então deputado federal “sem muita expressão no Congresso”, que por quase três décadas de mandato aprovou “raros projetos” (DIEGUEZ, 2016), *piauí* recorreu às análises de especialistas que o consideraram, entre outros: como um candidato de nicho e que não conseguiria atingir parcelas consideráveis da população porque, no Brasil, afora os anos de ditadura militar, a extrema direita nunca obteve sucesso em ascender ao poder. Além disso, Jair é referenciado como um “candidato folclórico”, um polemista no que se refere a minorias sociais como mulheres, população negra e LGBTQ+. Escolhas que **subestimaram**, naquela altura, os efeitos nocivos que a possível eleição de Jair poderia trazer ao país.

No perfil sobre **Carlos**, por sua vez, o enquadramento que se impõe indica que Jair teria uma “relação especial” com seu segundo filho, o que garantiria a Carlos influência nas decisões presidenciais. Principalmente, mas não só, no que concerne a estabilidade dos integrantes da equipe de governo do pai. Carlos é referido como “primeiro-filho” (em referência a primeira-dama), “presidente Carlos Bolsonaro”, “aquele-que-não-deve-ser-nomeado” e outros termos que, vindos da voz da repórter ou das fontes ouvidas por ela, reforçam a imagem do “pit bull” (GASPAR, 2019) como alguém poderoso, temível. Um enquadramento de **superestimação**, dentro da análise apresentada. Na época de publicação do perfil (no primeiro semestre de governo Bolsonaro), as pessoas ainda se perguntavam qual seria o papel dos filhos de Jair em sua gestão. E o texto vem, em partes, responder a essa questão.

Já no terceiro perfil, desta vez sobre **Eduardo**, parece haver um **equilíbrio** entre o que é narrado sobre a trajetória do perfilado e o avaliação da revista sobre a tentativa malsucedida do terceiro filho de Jair em se tornar embaixador do Brasil nos Estados Unidos (ainda que feito de maneira bem irônica). No texto (BILENKY, 2020), é ressaltada a inaptidão de Eduardo em cumprir com aquilo que se propõe a fazer. Como indicado na análise, essa seria a essência do “vagão” (“corruptela para vagabundo”), que permaneceu inalterada desde a juventude aos dias de hoje. Por outro lado, Eduardo também sofreu uma “metamorfose”: se antes ele não se interessava por política, hoje aceita ser o porta-voz da extrema direita no Brasil, ainda que o faça à sua maneira, a maneira do “vagão”. E, neste ponto, *piauí* reforça a trivialidade com que abordou a candidatura presidencial de Jair Bolsonaro. Visto que o inapto,

bobalhão e lesado Eduardo é considerado por assessores das equipes dos dois políticos como um “potencial sucessor do pai”.

Finalmente, essa pesquisa evidencia os diferentes usos do perfil. Formato que, na piauí, e mais especificamente na editoria “Vultos da República”, aparece para apresentar ao leitor não somente um relato de vida, mas uma interpretação particular da revista sobre os sujeitos que transitam entre as esferas do poder. Ao falar sobre suas aspirações, associações e dar relevo aos traços da personalidade e intimidade desses sujeitos, piauí se insere em um circuito de informações (SCHWAAB; TAVARES, 2009) e oferece a seus leitores um aspecto da realidade sobre o qual considerar.

REFERÊNCIAS

- ABUJAMRA, Adriana. **Um personagem à procura de seus autores**. Valor Econômico, São Paulo, 20 de janeiro de 2012. Eu & Fim de Semana. Disponível em: <<http://glo.bo/3Szsocf>> Acesso em: 27 fev. 2023.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2009.
- BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 44-57
- BORGES, Robinson; KLINKE, Angela (orgs.). **À mesa com o Valor: 50 personalidades** São Paulo: Apicuri, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. São Paulo: FGV, 2006, p. 183-191.
- BRITO, Orlando. **Vultos da república**. Revista piauí, Rio de Janeiro, outubro de 2006. Disponível em: <piaui.folha.uol.com.br/materia/vultos-da-republica/> Acesso em: 28 fev. 2023.
- COIMBRA, Oswaldo. Reportagem descritiva, bloco e fragmento. In: **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2002. p. 86-163.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.
- MAIA, Marta. **A regra da transparência como elemento democratizador no processo da produção jornalística**. Brazilian Journalism Research, v. 1 n. 1, 2008
- MAIA, Marta. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges (orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 176-188.
- MAIA, Marta. Perfil. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **Tópicos em jornalismo: redação e reportagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2021, p. 127-132.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo. Ática, 2002.
- MENSALÃO: cronologia do caso. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2021. Memória Globo. Disponível em: <<http://glo.bo/3ZjZ8Is>> Acesso em: 27 fev. 2023.

ORMANEZE, Fabiano. **O sujeito de palavra:** o discurso sobre política nas narrativas biográficas de piauí. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/335700>. Acesso em: 28 fev. 2023.

PIAUI. **Mídia Kit 2023:** Imagine um lugar onde não há pressa, ignorância ou mentira. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2022/11/midiakit2023.pdf> Acesso em: fev. 2023.

PIAUI. **Mídia Kit 2020.** Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2019/11/midia-kit-2020.pdf> Acesso em: fev. 2023.

PINTO, Daniela Caniçali Martins. **Piauí e o campo jornalístico:** um estudo dos discursos sobre a revista. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2014.

PODCAST da Clarice. Locução de: Rocco Pedro Vasquez; Soares Júnior; Teresa Montero. S. l. Editora Rocco, fevereiro de 2020. Podcast. Disponível em: <https://spoti.fi/3qJ7tUH>. Acesso em: 12 março 2020.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política:** conceitos e abordagens. Salvador: EdUFBA, 2002. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file> Acesso em: jan. 2023.

RIBEYRO, Julio Ramón. **Prosas apátridas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

SALLES, João Moreira. Dona do seu próprio nariz. **Revista piauí**, Rio de Janeiro, out. 2021. Chegada. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/dona-do-proprio-nariz/> Acesso em: jan. 2023.

SALLES, João Moreira. **Entrevista ao programa “Sempre um papo”.** 29 de maio de 2007. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/tv/179633-joao-moreira-salles-documentarista> Acesso em dez. 2022.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHWAAB, Reges; TAVARES, Frederico Mello B. **O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TAVARES, Frederico. Revista. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **Tópicos em jornalismo: redação e reportagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2021, p. 127-132

TAVARES, Frederico. A revista por ela mesma e o revistativo: problematizações sobre um modo de ser jornalismo. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 21, n. 45, 2022. DOI: 10.5902/2175497765695. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/65695>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

VILAS-BOAS, Sergio. A arte do perfil. In: **Perfis: o mundo dos outros / 22 personagens e 1 ensaio**. 3. ed. Barueri: Manole, 2014, pp. 271 - 287.

VILAS-BOAS, Sergio. Feições de um perfil jornalístico. In: **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003, pp. 13-33.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.